



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
**Faculdade de Ciências e Letras**  
**Campus de Araraquara - SP**

ANA LUIZA APARECIDA DE MATOS



**ADOLESCENTES E INTERNET: PERCEPÇÕES,  
INTERESSES E MEDOS**

Araraquara – SP  
2022

ANA LUIZA APARECIDA DE MATOS

## **ADOLESCENTES E INTERNET: PERCEPÇÕES, INTERESSES E MEDOS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Escolar.

**Linha de Pesquisa:** Formação do Professor, Trabalho Docente e Práticas Pedagógicas

**Orientadora:** Profa. Dra. Cláudia Dias Prioste

Araraquara – SP  
2022

M433a            Matos, Ana Luiza Aparecida de  
                      Adolescentes e Internet : Percepções, Interesses e  
                      Medos / Ana Luiza Aparecida de Matos. -- Araraquara,  
                      2022  
                      100 p.

                      Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista  
                      (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara  
                      Orientadora: Cláudia Dias Prioste

                      1. Adolescência. 2. Internet. 3. Tecnologias da  
                      Informação e Comunicação e Educação. 4. Redes sociais  
                      Digitais. 5. Preconceitos. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da  
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

ANA LUIZA APARECIDA DE MATOS

## **ADOLESCENTES E INTERNET: PERCEPÇÕES, INTERESSES E MEDOS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Escolar.

**Linha de Pesquisa:** Formação do Professor, Trabalho Docente e Práticas Pedagógicas.

**Orientadora:** Profa. Dra. Cláudia Dias Prioste

Data da defesa: 31/10/2022

### **MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientador: Profa. Dra. Cláudia Dias Prioste**  
Faculdade de Ciências e Letras, FCLAr/Unesp

---

**Membro Titular: Prof. Dr. Marcos Antônio Batista da Silva**  
Universidade de Coimbra, Portugal

---

**Membro Titular: Profa. Dra. Magale de Camargo Machado**  
Faculdade Instituição Evangélica de Novo Hamburgo

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
UNESP – Campus de Araraquara

*Dedico este trabalho a todas as pessoas que, de certa forma, me ajudaram a não desistir e, também, ao meu irmão, Achíles, que é em quem eu penso para encontrar forças na vida.*

## AGRADECIMENTOS

*Seria muito mais difícil realizar um trabalho sem a presença de algumas pessoas que foram essenciais neste processo. Sou grata a cada pessoa que segurou minha mão, me acolheu, me incentivou e me ajudou durante este período.*

*Serei eternamente grata aos meus familiares, que, mesmo sem entender a dimensão do que é um trabalho de mestrado, por não terem chegado a uma universidade, me deram apoio e se orgulharam de mim. Entre eles estão meus pais, Daniel e Andréia; minhas tias queridas, Renata, Darci e Eliana; minha madrasta, Lis; meu padrasto, Alessandro; e meus irmãos, Achiles, Laura e João. Agradeço, também, meus avós, Nair e Antônio, e minha madrinha Teresa, que não estão mais aqui, mas tiveram um papel importante em minha vida e em minha formação humana e sei que, de alguma forma, ainda olham por mim.*

*Durante minha trajetória acadêmica, integrei um grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral, em que iniciei minha vida de pesquisadora. O GPEM me fez enxergar o mundo além daquilo que pude alcançar vindo de uma cidade pequena e sem acessos a muitos recursos. O grupo me trouxe pessoas muito especiais e sou grata por todo apoio e parceria que tive durante os cinco anos que o integrei.*

*Agradeço também minha amiga Talita, que apresentou com mais profundidade algo que sempre esteve em meu coração: a escola como rede de proteção, e teve muitas contribuições em minha trajetória na pesquisa. Sou grata, ainda, por todos os amigos queridos que contribuíram, de alguma forma, com a construção deste trabalho.*

*Meu agradecimento à profa. Eliza Maria Barbosa, que me conhece desde a graduação e me apoiou durante estes processos, inclusive*

*integrando minha banca. Aos professores Marcos Antônio e Magale de Camargo, por gentilmente aceitarem estar comigo, em minha banca, para concluir este trabalho.*

*Faço um agradecimento especial à minha atual orientadora, Cláudia Dias Prioste, que conheço desde minha graduação na Unesp. Cláudia, não sei se você sabe da dimensão que seu apoio teve em minha vida durante este processo. Agradeço por toda ajuda, acompanhamento e paciência com meu processo de escrita. Obrigada por acreditar em mim, estar comigo e se solidarizar com meus processos. Sem você, eu não conseguiria.*

*O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Agradeço à CAPES pela bolsa concedida.*

*Por fim, agradeço à Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, por todas as pessoas e oportunidades que tive como aluna desde minha graduação.*

*“Nada do que vivemos tem sentido se não tocarmos o coração das pessoas” (Cora Carolina).*



MATOS, A. L. A. **Adolescentes e internet: Percepções, interesses e medos**. Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Dias Prioste. 2022. 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, SP, 2022.

## RESUMO

As pesquisas sobre o uso da internet por adolescentes aumentaram nos últimos anos e as manifestações de agressividade, preconceitos e discriminações têm ganhado destaque. Diante dos possíveis riscos e sofrimentos vivenciados por adolescentes nos ambientes virtuais, evidencia-se a necessidade de aprofundar as investigações sobre tais manifestações. Deste modo, os objetivos desta pesquisa foram analisar, discutir e descrever algumas percepções de adolescentes sobre os usos na internet, identificando seus interesses, bem como os ambientes considerados tóxicos, além dos preconceitos e medos associados aos ambientes virtuais. Para a coleta dos dados, utilizamos um questionário on-line, com questões abertas e fechadas, apresentadas por meio do *Google Formulário*, aplicado em uma amostragem de 89 alunos de 6º a 9º anos de uma escola particular no estado de São Paulo. A metodologia utilizada foi um estudo exploratório, de caráter descritivo, contando com dados quanti e qualitativos. Após descrição e análise dos dados, os resultados indicaram que os jogos estão entre os temas de maior interesse dos adolescentes na internet, seguidos de conteúdos de humor e música. Os dados evidenciam que os adolescentes percebem as redes sociais como sendo os ambientes mais tóxicos na internet e que, nelas, já vivenciaram ou presenciaram algum tipo de preconceito ou hostilidade. Logo, seus maiores medos em relação à internet estão vinculados ao temor de serem expostos e de sofrer algum tipo de preconceito.

**Palavras-chave:** Adolescência; Internet; Tecnologias da Informação e Comunicação e Educação; Redes Sociais Digitais; Preconceitos.

MATOS, A. L. A. **Adolescents and the Internet: Perceptions, interests and fears.** Advisor: Prof. Dra. Cláudia Dias Prioste. 2022. 99 f. Thesis (Master in School Education) – School of Sciences and Languages, São Paulo State University, Araraquara, SP, 2022.

### ABSTRACT

Research on internet use by teenagers has increased in recent years and manifestations of aggressiveness, prejudice and discrimination have gained prominence. Faced with the possible risks and suffering experienced by adolescents in virtual environments, the need to deepen investigations into such manifestations is evident. Thus, the objectives of this research were to analyze, discuss and describe some teenagers' perceptions about internet usage, identifying their interests, as well as the environments considered toxic, in addition to the prejudices and fears associated with virtual environments. For data collection, we used an online questionnaire, with open and closed questions, presented through Google Form, applied to a sample of 89 students from 6th to 9th grades of a private school in the state of São Paulo. The methodology used was an exploratory, descriptive study, with quantitative and qualitative data. After describing and analyzing the data, the results indicated that games are among the topics of greatest interest to teenagers on the internet, followed by humor and music content. The data show that adolescents perceive social networks as the most toxic environments on the internet and that, in them, they have already experienced or witnessed some type of prejudice or hostility. Therefore, their biggest fears regarding the internet are linked to the fear of being exposed and suffering some kind of prejudice.

**Keywords:** Adolescence; Internet; Information and Communication Technologies and Education; Digital Social Networks; Prejudices.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Comentário de uma estudante .....	17
<b>Figura 2</b> – Ameaças on-line mais dolorosas, segundo os brasileiros (2020).....	53
<b>Figura 3</b> – Gráfico: Série/Ano .....	58
<b>Figura 4</b> – Gráfico: Sua idade.....	59
<b>Figura 5</b> – Gráfico: Sou .....	59
<b>Figura 6</b> – Gráfico: Como você se considera? .....	60
<b>Figura 7</b> – Gráfico: Quem é o principal responsável por você em sua casa?.....	60
<b>Figura 8</b> – Gráfico: Qual a atividade dessa pessoa (responsável)? .....	61
<b>Figura 9</b> – Gráfico: Tem computador/notebook na sua casa? .....	61
<b>Figura 10</b> – Gráfico: Você tem um celular próprio? .....	62
<b>Figura 11</b> – Onde você costuma acessar a internet com mais frequência? .....	62
<b>Figura 12</b> – Dados TIC Educação .....	63
<b>Figura 13</b> – Principais temas de interesse dos adolescentes na internet.....	64
<b>Figura 14</b> – Preconceitos presenciados em ambientes digitais.....	66
<b>Figura 15</b> – Preconceitos sofridos em ambientes digitais .....	66
<b>Figura 16</b> – Locais em que tais atitudes foram presenciadas e/ou vivenciadas.....	68
<b>Figura 17</b> – Ambientes tóxicos na internet.....	68
<b>Figura 18</b> – Maiores medos em relação à internet.....	70

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Canais de prevenção e combate à violência on-line e ao sofrimento e de apoio às vítimas .....	54
---	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

<b>CETIC</b>	Centro Regional de Estudos para Desenvolvimento da Sociedade da Informação
<b>ECA</b>	Estatuto da Criança e do Adolescente
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>OMS</b>	Organização Mundial da Saúde
<b>UNICEF</b>	Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância
<b>ONU</b>	Organização das Nações Unidas
<b>TALE</b>	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
<b>TCLE</b>	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
<b>TIC</b>	Tecnologias de Informação e Comunicação

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	16
INTRODUÇÃO.....	18
CAPÍTULO 1 – ADOLESCÊNCIA: ETAPA DA VIDA HUMANA E SEUS PRINCIPAIS DESAFIOS .....	23
1.1 PERSPECTIVAS SOBRE A ADOLESCÊNCIA .....	23
1.2 O CONCEITO DE ADOLESCÊNCIA .....	24
1.3 PUBERDADE E ADOLESCÊNCIA .....	26
1.4 INÍCIO E FIM DA ADOLESCÊNCIA.....	27
1.5 A PERSPECTIVA PSICANALÍTICA DE ADOLESCÊNCIA.....	28
1.6 ADOLESCÊNCIA BRASILEIRA: BREVE EXPOSIÇÃO DO CONTEXTO ATUAL ..	34
1.7 O ADOLESCENTE NO CONTEXTO PANDÊMICO .....	36
CAPÍTULO 2 – O USO DA INTERNET POR ADOLESCENTES: OPORTUNIDADES E RISCOS .....	39
2.1 O ADOLESCENTE NA CONTEMPORANEIDADE E O USO DA INTERNET .....	39
2.2 OS AMBIENTES VIRTUAIS .....	41
2.3 RISCOS ON-LINE E OS COMPORTAMENTOS AGRESSIVOS .....	42
2.4 OS PRECONCEITOS ON-LINE .....	48
2.5 ESTRATÉGIAS DE BEM-ESTAR NA INTERNET .....	51
2.6 AJUDA ON-LINE: AS REDES DE APOIO NA INTERNET .....	54
CAPÍTULO 3 – ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA .....	56
3.1 INSTRUMENTO DE INVESTIGAÇÃO .....	56
3.2 AMOSTRA E LÓCUS DA PESQUISA .....	57

3.3 O PERFIL DOS ESTUDANTES .....	58
3.4 ACESSO À INTERNET E OS MEIOS DE ACESSO DOS ADOLESCENTES.....	61
3.5 TEMAS DE INTERESSE DOS ADOLESCENTES .....	64
3.6 PERCEPÇÃO DOS ADOLESCENTES REFERENTE AOS PRECONCEITOS E AMBIENTES TÓXICOS NA INTERNET.....	65
3.6.1 PRECONCEITOS PRESENCIADOS.....	65
3.6.2 PRECONCEITOS NOS AMBIENTES DIGITAIS SOFRIDOS PELOS ADOLESCENTES .....	66
3.6.3 LOCAL(IS) ONDE TAIS ATITUDES FORAM PRESENCIADAS E/OU VIVENCIADAS PARA IDENTIFICAR EM QUAIS AMBIENTES OCORREM E QUAIS OS AMBIENTES MAIS TÓXICOS DA INTERNET, SEGUNDOS OS ADOLESCENTES .....	67
3.7 PERCEPÇÃO DOS RISCOS ON-LINE E SEUS MEDOS.....	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	74
REFERÊNCIAS .....	76
APÊNDICES .....	86
APÊNDICE A – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	86
APÊNDICE B – INSTRUMENTO DE PESQUISA.....	87

## APRESENTAÇÃO

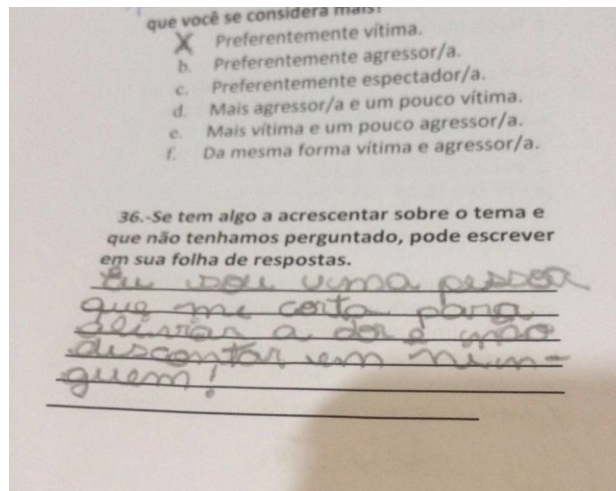
A educação em minha vida teve um papel muito importante. Sempre estudei em escolas públicas e, devido a elas, cheguei até aqui. Criada pelos meus avós, analfabetos, me lembro de ter muito orgulho em assinar meu nome para receber as correspondências deles. Quando tinha 10 anos de idade, pulava o muro da minha casa, com o amparo da vizinha, para ajudar seu filho nas tarefas da escola. Não sabia que ali já havia em mim a tendência para o ato de ensinar.

Anos se passaram e aos 14 anos comecei a trabalhar. Estagiei em alguns lugares da prefeitura da minha cidade e aos 17 anos fui “parar” na escola. A mesma instituição em que iniciei meus estudos até os anos iniciais. Quando essa etapa chegou ao fim, sofri muito. Naquele momento, vi que seria feliz trabalhando em um ambiente educacional. Lá mesmo, na escola, entrei no site da Unesp e me inscrevi para a prova do curso de pedagogia. Fui aprovada no vestibular aos 17 anos. Parecia um sonho. Eu, a primeira menina da família a entrar em uma universidade, cujo sonho era poder ter piso em casa e portas nos quartos. Ingressei em outro estágio e continuava a trabalhar e estudar durante a noite. No meu primeiro ano, conheci minha primeira orientadora e, então, adentrei no mundo da pesquisa. Era muito jovem e imatura, mas sonhava em ser como ela, uma pós-doutora. Passei cinco anos ao lado dela, vivendo dias de muito aprendizado. Durante a graduação, realizei três iniciações científicas financiadas pelo CNPq. Estar na universidade me fazia sentir algo especial, que não consigo explicar até hoje. Após a graduação, iniciei o mestrado e comecei a trabalhar com as pesquisas e com a formação de professores. Formar pessoas sempre foi algo que me fez sentir viva. A adolescência, em particular, sempre me chamou atenção; entretanto, foi em meu último ano de graduação que comecei a me interessar com mais intensidade por essa etapa da vida tão peculiar e cercada de vulnerabilidade.

Em um momento, fui aplicar as pesquisas de um colega de mestrado em uma escola pública de Ensinos Fundamental II e Médio da cidade de Araraquara, em um bairro periférico. Aquele lugar gerou em mim uma profunda vontade de trabalhar para a melhoria do ambiente escolar. Ao iniciar a tabulação dos questionários, encontrei esta imagem:



**Figura 1** – Comentário de uma estudante



**Fonte:** Arquivo pessoal da autora

O questionário não solicitava identificação, mas esta aluna deixou seu nome, sua série e sua idade. Ao ler, pensei sobre o que poderia fazer para ajudá-la. Era nítido o sofrimento. A partir disso, acionei meu grupo de pesquisa e tentamos uma intervenção na escola.

A partir desse momento, minha vontade de tratar estes e outros problemas com os adolescentes só aumentou. Ao iniciar o mestrado, comecei, também, as formações de professores em prol da melhoria do espaço escolar e formei muitos alunos para ajudar seus próprios colegas nas situações de intimidação e sofrimento. Neste período, trabalhei em um colégio como professora e orientadora de convivência, para tratar todas as situações que envolvem as relações intra e interpessoais.

Em suma, este é um pequeno relato da história que me fez chegar até aqui e todo o incômodo que me impulsionou a ajudar esses adolescentes e professores. Cuidar das relações, sejam elas em ambientes físicos ou virtuais, é o que me move. Agora, leitor, você terá condições de entender a escolha pelo tema.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho teve o objetivo de analisar e discutir algumas percepções de adolescentes sobre os usos da internet, especificamente no que se refere aos ambientes tóxicos, aos preconceitos, aos interesses e aos medos relacionados aos espaços virtuais. Considerando que os adolescentes estão cada vez mais conectados aos ambientes digitais para se divertir, aprender, jogar, se relacionar e se expressar, torna-se relevante compreender como percebem os ambientes em que se inserem.

A rede internacional de computadores é um dispositivo de comunicação cada vez mais acessível aos adolescentes e possibilita o acesso a inúmeras plataformas interativas. A pesquisa TIC Domicílios no Brasil aponta que cerca de 152 milhões de brasileiros usavam a internet em 2020, representando 81% da população com dez anos de idade ou mais. Durante a pandemia, mais de 60% dos jovens indicaram passar mais de 4 horas em frente a algum tipo de tela (celular, *tablet* ou computador) e, entre adolescentes de 16 a 17 anos, esse número chegou a 70% (COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL, 2020).

Entretanto, aproximadamente 4,8 milhões de crianças e adolescentes de 9 a 17 anos não têm acesso à Internet em nosso país, correspondendo a 17% dos brasileiros nessa faixa etária. Esses números foram levantados pela pesquisa TIC Kids *On-line* 2019 (UNICEF, 2020b). Ademais, dados do IPEA (IBGE, 2020) mostram que 96% dos brasileiros que não possuem acesso à Internet são da rede pública de educação.

As Tecnologias da Informação e Comunicação – (TIC) são cada vez mais indispensáveis no cotidiano do cidadão. O Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) junto com o Comitê Gestor da Internet no Brasil realizou um estudo sobre o uso da Internet pelos adolescentes, intitulado TIC Kids *On-line* Brasil (2018). Segundo a pesquisa, a internet era utilizada em 79,1% das residências brasileiras, evidenciando um crescimento considerável comparado com o ano de 2017, no qual 74,9% das residências possuíam internet. O aparelho celular, ainda segundo a pesquisa, é o equipamento mais usado para esse acesso à internet, sendo que 99,2% das residências se conectam usando o celular.

A mesma pesquisa realizada no ano de 2019 constatou que 89% da população de 9 a 17 anos eram usuários da internet no país. E, embora muitos jovens estivessem conectados, a investigação também demonstrou riscos e danos evidenciados no uso das redes. A pesquisa indicou que aproximadamente 31% das meninas e 24% dos meninos relataram que foram tratados de forma ofensiva e testemunharam situações de discriminação em algum local virtual. Além disso, os jovens demonstram um desconhecimento do uso da rede de forma crítica e

protetiva. Uma grande parte apresenta habilidades em procurar *sites*, jogos, ou encontrar um tema de interesse na internet, entretanto, apenas 67% afirmaram que poderiam distinguir uma informação verdadeira ou falsa produzida nas redes. A referida pesquisa, ainda, abordou o contato com *conteúdo sensível* nas redes sociais: 22% dos adolescentes afirmaram ter acesso a cenas de violência, 15% a formas para emagrecer, 15% em formas de cometer suicídio, 12% em formas de se auto lesionar e 10% demonstram que tiveram contato com experiências ou uso de drogas.

Uma pesquisa de caráter qualitativo realizada com pais e professores em duas escolas de ensino fundamental buscou avaliar os riscos e as oportunidades do uso das TIC e como os adolescentes se apropriavam dos dispositivos digitais em seu dia a dia. A investigação constatou que a maior parte dos jovens possuía acesso à internet e a computadores e os utilizavam de forma recreativa e não para os estudos. Prioste, (2016, p. 17) argumenta que

não obstante o aumento importante da acessibilidade à internet no Brasil, a inclusão digital, no sentido de propiciar participação social, continua sendo um desafio em nosso país e as barreiras são muitas, a começar pela baixa qualidade do ensino público somada aos processos ideológicos tecnologicamente mediados pela indústria cultural. Neste contexto, a internet tem se inserido no cotidiano brasileiro mais como veículo de diversão e de transações comerciais do que de educação, conhecimento e participação social.

No ano de 2019, a UNICEF (2019) realizou um estudo em mais de 30 países, com cerca de 170 mil usuários da internet e identificou que no Brasil aproximadamente 37% dos respondentes afirmaram ser alvos de agressões virtuais. As redes sociais ocuparam o lugar em que mais ocorrem estes tipos de situações entre os jovens brasileiros, que têm o Facebook como o principal espaço de interação. Ademais, 16% dos adolescentes que responderam à pesquisa expuseram que faltaram à escola depois de sofrerem algum tipo de intimidação on-line dos pares da classe, o que classificou nosso país como possuindo o maior percentual nesse quesito, apontando o quanto as formas de violência on-line podem afetar a vida, tanto no âmbito “real” como virtual dos adolescentes.

O mesmo relatório evidencia que o Brasil também conta com usuários que passam aproximadamente 9h29 por dia na internet, passando a média global de pouco mais de 6h de uso. Além disso, a pesquisa ressaltou que 81% dos adolescentes com 13 anos ou mais estão ativos nas redes. Vale explicitar que, de acordo com as normas de uso de algumas redes sociais como *Facebook e Instagram* (FACEBOOK, 2022, n.p.), há, em seus termos, uma idade mínima

para o uso, que é de 13 anos. No entanto, sabemos que crianças também fazem o uso delas, com ou sem o consentimento de suas famílias (UNICEF, 2019).

Concernente às redes sociais digitais e aos aplicativos que os brasileiros mais acessam, os resultados do relatório da UNICEF (2019) indicam a seguinte classificação: *YouTube* (95%), *Facebook* (90%), *WhatsApp* (89%), *Instagram* (71%), *Facebook Messenger* (67%) e *Twitter* (43%).

O relatório nos fornece dados que merecem um alerta já que indicam que o uso da internet pelos brasileiros supera a média global, o que constitui um cenário de consumo excessivo. Além disso, crianças e adolescentes usam frequentemente as plataformas disponíveis nas redes sociais, o que explicita a intensidade das relações em tais meios, bem como evidencia o uso das plataformas digitais mesmo sem a idade mínima para acessá-las. Além do tempo que as crianças e jovens passam em atividades on-line, uma preocupação importante é o ato de balancear as oportunidades e os riscos.

Ademais, diversos estudos internacionais e nacionais (ABRAMOVAY *et al.*, 2016; MISHNA; SAINI; SOLOMON, 2009; PLAN, 2010; SMITH, 2012; AVILÉS, 2009; TOKUNAGA, 2010; UNICEF, 2019) explicitam o aumento de agressões nos meios digitais entre adolescentes. São diversas as formas em que o sujeito “é exposto, ofendido, humilhado nas redes, isso pode impactar a saúde mental e o bem-estar psicológico dos envolvidos” (BOZZA, 2022).

Tais ações, consideradas como agressivas, evidenciam comportamentos que os indivíduos possuem no “mundo virtual” e os riscos a que estão expostos. A internet tem o poder de potencializar as ações violentas, já que possibilita um distanciamento físico e facilita o anonimato, o que nos indica uma redução na capacidade empática e sensível dos sujeitos que se relacionam nestes ambientes (BOZZA, 2022).

Malagaris e Alfano (2010) alertam que a liberdade que advém da internet pode colocar os jovens em situações de vulnerabilidade. Considerando que ainda não desenvolveram condições cognitivas e afetivas para enfrentar os riscos que a internet pode ocasionar, e que passam tempo demasiado nas redes sociais sem supervisão ou orientação, os jovens podem entrar em contato com conteúdos impróprios. O sujeito que se encontra no período da adolescência encontra-se, segundo Lírio (2012), em “um período de readaptação, de formação e da identificação da identidade do sujeito”.

A adolescência é uma etapa da vida que envolve múltiplas vivências que podem ser distintas a depender das condições históricas e culturais. Trata-se de um momento de transição marcado por algumas fragilidades que merecem atenção dos adultos e de educadores. Segundo Prioste (2016, p. 21) “durante a fase da adolescência o sujeito encontra-se mais vulnerável aos imperativos forjados pela cultura”. E isso ocorre, principalmente, em decorrência de transformações que concernem aos aspectos relacionados à sexualidade, tornando-os, muitas vezes, influenciados pelos imperativos audiovisuais (PRIOSTE; AMARAL, 2015).

Embora a adolescência, no senso comum, possa ser descrita, muitas vezes, como um período marcado por rebeliões, teimosia, insensatez e pouca ou nenhuma maturidade (DALLO; PALUDO, 2012), esses atributos não podem ser generalizados. Há de se ter cuidado com estereótipos e estigmas que costumam ser atribuídos a essa fase. Não há um desenvolvimento que possa ser considerado natural e universal, pois os indivíduos estão envoltos em padrões sociais e históricos do lugar em que se inserem. As formas de inserção do indivíduo na sociedade o possibilitam viver o período da adolescência conforme seu gênero, sua classe social e sua comunidade (MARTINS *et al.*, 2003).

Em meio a esse excesso de informação gerado pelas mídias sociais, os jovens podem enfrentar dificuldades na constituição da subjetividade. Nessa sociedade líquida, o ser humano tende a não mais se relacionar e sim se conectar. Há uma enorme “facilidade” na conexão, mas também é muito fácil se desconectar e fazer com que a outra pessoa não exista mais em seu ciclo de relacionamentos. Até os ídolos, de certa forma, acabam se tornando descartáveis nessa “era”, pois passam/mudam a cada show, filme etc. (BAUMAN, 2004). E, ainda, pode ser que o outro caia na “cultura do cancelamento”<sup>1</sup>.

Como explicitado, muitos são os problemas que adolescentes podem enfrentar durante o uso frequente da internet, das redes e dos aplicativos digitais. Desse modo, é necessário, segundo Lírio (2012), “considerar esses novos riscos à saúde física e psíquica para a geração digital, muitas vezes gerados pelo excesso de horas de uso, causando problemas de diversas ordens, chegando, inclusive a quadros de angústia”.

Dessa forma, esta pesquisa, diante dos problemas supramencionados, procurou identificar as percepções dos adolescentes sobre os ambientes nocivos na internet. Logo, o presente trabalho será dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo, intitulado

---

<sup>1</sup> “Movimento que tem força principalmente nas redes sociais, a cultura do cancelamento envolve uma iniciativa de conscientização e interrupção do apoio a um artista, político, empresa, produto ou personalidade pública devido à demonstração de algum tipo de postura considerada inaceitável”. Disponível em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/a-cultura-de-cancelamento-foi-eleita-como-termo-do-ano-em-2019-156809/>. Acesso em: 02 jan. 2021.

“Adolescência etapa da vida humana e seus principais desafios”, serão abordados, pela ótica da teoria psicanalítica, os conceitos que definem o público-alvo deste estudo. O segundo capítulo, “O uso da internet por adolescentes: oportunidades e riscos”, será composto pela apresentação dos conceitos acerca do uso da internet, das cyberagressões e dos preconceitos, além de discorrermos sobre as ações de bem-estar na internet. No terceiro capítulo, apresentaremos o percurso metodológico de nossa pesquisa, seus dados e resultados. Encerraremos, então, com as considerações finais.

## **CAPÍTULO 1 – ADOLESCÊNCIA: ETAPA DA VIDA HUMANA E SEUS PRINCIPAIS DESAFIOS**

A adolescência como etapa da vida consiste em uma fase, normalmente, carregada de estigmas por parte do senso comum. No campo científico, existem distintas perspectivas teóricas sobre a infância e a adolescência que contribuem, de múltiplas formas, para conceituar essa etapa da vida. Neste sentido, a compreensão de como se desenvolvem os processos de construção da identidade dos adolescentes, com seus lutos, suas modificações corporais e psíquicas e seus desafios interpessoais, é relevante para o campo da Educação e serão apresentados ao decorrer deste capítulo.

Pretendemos, então, abordar alguns aspectos históricos e conceituais relacionados à adolescência, com foco no contexto brasileiro. O trabalho adota, prioritariamente, a perspectiva do desenvolvimento humano a partir da teoria psicanalítica. Pretende-se, inicialmente, realizar uma descrição do adolescer até as discussões atuais que envolvem a contemporaneidade e as consequências da pandemia na vida dos adolescentes.

### **1.1 Perspectivas sobre a adolescência**

É comum encontrarmos pais e educadores se referindo ao período da adolescência como sendo um dos mais difíceis da vida (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006). Algumas falas como “esse inconformismo é típico de vocês, jovens. Na tua idade eu também queria mudar o mundo”, “os filhos já não respeitam mais os pais como antigamente”, reforçam essa dificuldade nas relações entre as diferentes gerações, conforme destacado por Becker (2017, p. 4). Para esse autor, tais afirmações existem há mais tempo do que podemos imaginar e transmitem a ideia de uma adolescência fixa ou padronizada, de forma a sempre apresentar os comportamentos e atitudes mencionados.

Em busca de identificar quais seriam as maiores dificuldades no convívio com os adolescentes, Bolsoni, Paiva e Barbosa (2009) realizaram uma pesquisa de caráter qualitativo com 59 pais que buscaram atendimento psicológico para o cuidado com seus filhos. Resultam desse estudo um total de 73 queixas apresentadas pelos adultos investigados, com foco para as que mais se destacaram: a) agressividade, desobediência e birra; e b) dificuldades no estabelecimento de limites e na comunicação.

O que os pais podem sentir como agressividade, desobediência e birra, pode fazer parte de conflitos constitutivos relacionados à busca por autonomia, identidade e novas formas de se

posicionar face aos adultos. A reação dos adolescentes às tradições e falas dos adultos, na verdade, segundo Mota *et al.* (2020, p. 40), “indica uma atual baixa tolerância aos referenciais tradicionais que historicamente legitimaram violências, como os apelidos e perseguições, justificadas por um processo naturalizado e sem punição aos enalços sistemáticos”. Quando apresentam atitudes de incômodos em relação a tais padrões estabelecidos pela sociedade, muitas vezes, recebem o título depreciativo de geração *mimimi* ou geração *Nutella*.

Um estudo realizado por Ozella e Aguiar (2008) buscou analisar a percepção de 856 adolescentes, de 14 a 21 anos, estudantes do ensino médio na cidade de São Paulo, concernente ao período da adolescência e como essa fase se apresenta em seus discursos. A investigação, feita por meio de análise qualitativa, considera que o discurso dos jovens é diferente daquele do senso-comum, constituído de pontos de vista de adultos, dos pais ou da mídia, frequentemente estereotipados. O estudo considerou também a realidade socioeconômica dos investigados. Sendo assim, verificou-se que os adolescentes pertencentes às classes A e B eram, em sua maioria, brancos e alguns asiáticos; já os das classes C e D eram predominantemente negros.

Nas narrativas entre os investigados das classes A e B, surgiram frases como: “é um período de transição, em que ficamos mais perdidas, pois não estamos acostumadas a passar por estas dificuldades sozinhas, é nesta fase que cometemos loucuras”; “adolescência é uma fase que choro menos”; “brigo menos com os outros”; “não tenho mais tanto medo”. Os adolescentes pertencentes à classe D, por sua vez, deram respostas como: “me preocupo, sofro com as coisas que outros adolescentes não se preocupam... fui criada sem pai, tenho que trabalhar, agir como adulta” (OZELLA; AGUIAR, 2008, p. 114).

As pesquisas apresentadas oferecem indícios sobre a perspectiva dos adolescentes em relação à fase da vida em que se encontram, que vai contra os estereótipos, o misticismo e o universalismo do conceito de adolescência, de que trataremos mais adiante. O estudo de Ozella e Aguiar (2008), inclusive, demonstra, ainda, que os adolescentes têm percepções diferentes a depender de seu contexto histórico, de sua condição social ou etnia. É pela complexidade da adolescência que estudos visando aspectos biológicos, psicológicos e sociais são necessários.

## **1.2 O conceito de adolescência**

Não há um consenso sobre o que é ser adolescente. As diversas definições dependem da época e da cultura em que essa faixa etária está inserida (MANNONI, 1986). Do ponto de vista



científico, a adolescência passou a ser investigada de forma científica a partir do século XX nas pesquisas realizadas por Stanley Hall.

Inspirado nos estudos evolucionistas, Hall (2000) argumentava que o desenvolvimento da adolescência é dirigido pelos aspectos biológicos e descreveu esse período como conturbado, conflituoso, cheio de turbulência e mudanças de humor. Além, ainda, de ser caracterizado como um período em que o sujeito passa por transformações em seu comportamento que alteram a partir do momento em que encontra a maturidade sexual

Embora descrita como uma fase de conturbação (termo que ainda é usado popularmente e, de forma não científica, para caracterizar um período marcado por acentuadas modificações), a adolescência não deve ser simplificada a tais termos, já que essa fase do desenvolvimento pode ser a mais complexa, pois o sujeito é convidado a viver situações que o converterá, gradativamente, em um ser autônomo e adulto (NASCIMENTO; GONZALES, 2015).

Segundo Calligaris (2000), existem alguns ideais impostos pela sociedade contemporânea concernentes ao período da adolescência, a exemplo do pressuposto de que independência e educação exercem papel importante na transformação de jovens em adultos. É, portanto, uma fase que demandaria uma moratória, já que mesmo possuindo um corpo com características adultas e maturação sexual, as práticas dos adultos não seria permitida aos adolescentes – proibição justificada pela sua imaturidade emocional e cognitiva. Ocorre que, na sociedade contemporânea, essa moratória tem sido suprimida em função dos ideais dos adultos. Nesse sentido, os adolescentes desfrutam de certos privilégios como se fossem adultos em eternas férias, gozam de lazer e da vida sexual sem ter as responsabilidades do adulto.

Em concordância com o autor, Prioste (2016) salienta que:

se há algumas décadas a adolescência era uma moratória aparentemente penosa por implicar interdição ou restrição à vida sexual, limite à liberdade, obediência às arbitrariedades dos adultos, restrição à autonomia, hoje, com a assunção dos valores liberais, os adolescentes não mais precisam almejar uma relação amorosa estável ou adquirir autonomia financeira para usufruir do direito às experiências sexuais, não necessitam trabalhar e conquistar seus próprios rendimentos para desfrutar das mais variadas diversões, realizar viagens ou exibir os objetos de consumo valorizados pela sociedade. Estas supostas conquistas, porém, não estão desconectadas do aumento de riscos, como: gravidez precoce, envolvimento em acidentes, abuso de álcool e de drogas, envolvimento em brigas ou ações ilegais (PRIOSTE, 2016, p. 106).

Dito de outro modo, em um momento de transição, esse indivíduo, que já não é mais criança, vive o conflito de também não ser adulto, não sendo, por isso, considerado responsável por certas ações (COSTA *et al.*, 2004). Essa indefinição do que é ser adulto implica também em uma suspensão do que é ser adolescente, dissolvendo os liames conceituais desta etapa.

Segundo Ferreira (1986), *adolescere*, vem do latim *adolescere*, que corresponde a *atingir a adolescência*, amadurecer, se desenvolver. Essa palavra tem a mesma raiz etimológica de *adolecere*, que significa adoecer, conferindo, dessa maneira, uma pequena amostra do que seria essa etapa peculiar. Todavia, essas não são as únicas definições do termo “adolescência”. Instituições nacionais e internacionais, como a Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Ministério da Saúde, também a conceituam.

De acordo com a OMS (1965), a adolescência representa a “segunda década” da vida, dentre os 10 e os 20 anos de idade. Esse é o mesmo critério assumido, no Brasil, pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2007b) e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (BRASIL, 2007a), embora o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), Lei 8.069, de 1990, (BRASIL, 1990) considere criança a pessoa com até 12 anos de idade incompletos e adolescente a pessoa na faixa de 12 a 18 anos de idade (art. 2º), salvo casos excepcionais e quando disposto na lei, em que o estatuto é aplicável até os 21 anos de idade (art. 121 e 142).

Entretanto, a divisão da adolescência em etapas cronológicas durante a vida não é suficiente para explicá-la, já que essa diferenciação é dada a partir do contexto social em que o sujeito está inserido. Os processos de *adolescere* tendem a ser antecipados em classes sociais com condições menos favorecidas, já que há a necessidade de adentrar no mundo do trabalho cada vez mais cedo e o início da vida sexual ocorre, também, de forma prematura (COSTA, 2012; PINHEIRO, 2002). Assim, a cultura e o contexto social ao qual os adolescentes estão inseridos estão diretamente relacionados aos seus comportamentos, seus medos e suas dificuldades.

### 1.3 Puberdade e adolescência

A adolescência é uma fase que pode ter início com as mudanças físicas no período da puberdade, mas não se restringe a elas. Para melhor distinção sobre as etapas físicas e psicológicas que ocorrem durante o processo do *adolescere*, é necessário explicitar que os termos são distintos. Lírio (2012) esclarece que, além de processos biológicos da puberdade, existem aspectos psicossociais que são “influenciados por aspectos culturais”. É relevante distinguir os conceitos de *adolescência* e *puberdade*.

Segundo Palacios e Oliva (2017, p. 311), a *puberdade* tem como características uma soma de mudanças físicas que transformam o corpo da criança em um corpo de adulto; já a adolescência é definida como um “período psicossociológico”, fase que pode se estender por vários anos, sofrendo influências da história e da cultura à qual o indivíduo pertence.

Aberastury e Knobel (1981), por sua vez, afirmam que a chegada da *puberdade* – (*do latim, pubertas, de púber: adulto*) capacidade de gerar – ordena ao indivíduo uma substituição de sua postura infantil pela adulta diante do mundo exterior, e a sociedade o cobra caso não o faça. Segundo os autores, uma das principais características da adolescência é que a criança, querendo ou não, encontra-se no dever de se inserir na vida adulta e as mudanças corporais vão sinalizando essa demanda. Por outro lado, o meio social também possui suas coerções que afetam o indivíduo de diversas formas.

Quando os termos são mencionados por Nascimento e Gonzales (2015), as autoras explicam que é habitual referir-se à palavra *crise* neste período da vida. Contudo, o que essa palavra quer dizer? O termo *crise* provém do grego *krisis* e sua definição está diretamente ligada ao sentido de julgamento, escolha, juízo.

Para Bianculli (1997), a OMS também propõe uma diferenciação dos termos, já que, na *puberdade*, as modificações são de ordem biológica, levando a uma maturação, e na *adolescência*, as modificações requerem uma adequação aos aspectos psíquicos e sociais.

#### **1.4 Início e fim da adolescência**

Em busca de compreender o momento em que a adolescência se inicia e termina, é necessário conhecer um componente curioso da vinculação entre os adolescentes e a sociedade, que chamamos de ritos de passagem ou rituais de iniciação, que ocorrem desde as comunidades intituladas como primitivas até as classificadas como mais atuais. Tais eventos consistem na demarcação simbólica da conquista das crianças de um lugar no universo dos adultos. Esses acontecimentos, em grande medida, são realizados junto a atos especiais, que marcam o indivíduo para a nova etapa de vida (ABRAMOVITCH, 1985).

Os ritos que propiciam ao adolescente uma certa emancipação podem ocorrer por meio de cerimônias religiosas, provas para reconhecimento de força, rituais de magia, marcas na estrutura física ou biológica como a menarca da menina ou o casamento. Nas sociedades ocidentais modernas e contemporâneas, a forma de passagem para a “maturação” é menos explícita, já que se leva mais tempo para o ingresso na vida adulta. Isso ocorre, pois, a inserção do indivíduo no mundo do trabalho exige mais tempo de escolarização ou de aperfeiçoamentos profissionais para que seja possível se apropriar dos deveres adultos (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006). Assim, a sociedade ocidental contemporânea, segundo Abramo *et al.*, (2005), estende a etapa da adolescência.

Segundo Hall (2000, p. 7), as características da puberdade tornam-se essenciais para entender a construção histórica do adolescer, já que se constituiu como um rito de passagem “natural” para que o sujeito se insira no “mundo adulto”. Entretanto, a construção histórica impõe barreiras neste período, em busca de “manter a ordem social e simbólica”. O autor afirma que

Os rituais de passagem são marcados por cerimônias de separação (preliminares) e de agregação (pós-liminares), apresentando na interface desses dois momentos distintos, um período de liminaridade, no qual se estabelece o ritual. Representa desta maneira um momento essencial de transformação, transposição e auto-afirmação pelas quais o adolescente vai vivenciar, aquilo que era novo deixará de ser, dando lugar para novas experiências e vivências que contribuirão para seu amadurecimento (HALL, 2000, p. 9).

Um estudo realizado por Brêtas *et al.* (2008) com 751 adolescentes de ambos os sexos, na idade de 12 a 20 anos, estudantes de escolas públicas na cidade de São Paulo, investigou o que, na concepção dos jovens, caracterizaria um ritual de passagem. Nas categorias mudanças biológicas e psicológicas, os resultados mostraram que, na percepção dos adolescentes, os ritos de passagem estão correlacionados, de forma direta, às mudanças corporais, sendo classificadas como marcantes para o período do adolescer.

Sendo assim, pode-se dizer que os ritos de passagem seriam mais simples para determinar em quanto tempo a criança estaria pronta para adentrar a sociedade adulta e demarcar um período específico, em que pudesse ser dito: “Você está pronto, a partir de agora, é um adulto”. Porém, a partir do explicitado, sabemos que entender a historicidade do termo é de extrema importância para reconhecer que os processos não são unicamente estabelecidos, já que dependem dos contextos sociais e econômicos em que o sujeito está inserido.

### **1.5 A perspectiva psicanalítica de adolescência**

Neste tópico, apresentaremos as contribuições da Psicanálise para o estudo dos processos inerentes ao período da adolescência, tendo em vista os trabalhos de diversos autores que trazem contribuições psicanalíticas para os fenômenos.

Aberastury e Knobel (1981), ao explorar a síndrome da adolescência normal, explicitam que este é um período perturbador na vida de uma pessoa e dos adultos a sua volta devido às instabilidades e aos desequilíbrios. Entretanto, é uma etapa necessária e um processo por meio do qual o sujeito adolescente irá construir sua identidade. Segundo os autores, identidade, por sua vez, surge somente a partir do momento em que o sujeito aceita suas características infantis

e adultas, assim como as modificações corporais. A inserção no “mundo dos adultos” representa, para o adolescente, “a perda definitiva de sua condição de criança” (ABERASTURY; KNOBEL, 1981, p. 13).

Os autores também afirmam que, no período da adolescência, o sujeito desempenha três lutos fundamentais:

a) o luto pelo corpo infantil perdido, base biológica da adolescência, que se impõe ao indivíduo que não poucas vezes tem que sentir suas mudanças como algo externo, frente ao qual se encontra como espectador impotente do que ocorre no seu próprio organismo; b) o luto pelo papel e identidade infantis, que o obriga a uma renúncia da dependência e a uma aceitação de responsabilidades que muitas vezes desconhece; c) o luto pelos pais da infância, os quais persistentemente tenta reter na sua personalidade, procurando o refúgio e a proteção que eles significam, situação que se complica pela própria atitude dos pais, que também tem que aceitar o seu envelhecimento e o fato de que seus filhos já não são crianças, mas adultos, ou estão em vias de sê-lo (ABERASTURY; KNOBEL, 1981, p. 10).

Além disso, o adolescente exhibe uma vulnerabilidade à medida que tenta assimilar as projeções realizadas por seus pais, seus amigos e pela sociedade, e as formas violentas ou severas de repressão aos jovens acabam criando uma lacuna ainda maior e um agravamento em relação aos conflitos. Com base nessa perspectiva, Aberastury e Knobel (1981, p. 29), elencam algumas características da síndrome da adolescência normal:

- Busca de si mesmo e da identidade;
- Tendência grupal;
- Necessidade de intelectualizar e fantasiar;
- Crises religiosas que podem manifestar desde o ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso;
- Deslocalização temporal, isto é, o pensamento adquire as características do pensamento primário;
- Evolução sexual manifesta, que vai do autoerotismo até a heterossexualidade genital adulta;
- Atitude social reivindicatória com tendências anti- ou associativas de diversas intensidades;
- Contradições sucessivas em todas as manifestações de conduta, dominada pela ação, que constitui a forma de expressão conceitual mais típica desse período da vida;
- Separação progressiva dos pais;
- Constantes flutuações de humor e do estado de ânimo.

As mudanças orgânicas causadas pelo período da adolescência demarcam o corpo juvenil. Há, nesse período, uma metamorfose em sua fisiologia, ou seja, o pré-adolescente passa a residir em um corpo que lhe é particularmente estranho, em processo de mudança e com aceleradas e expressivas alterações. Além de poder ser uma etapa dolorosa, de grande confusão

de pensamentos e sentimentos, é, também, um momento de atritos com a família e com a sociedade (ABERASTURY; KNOBEL, 1981).

Como descrevem Nascimento e Gonzales (2015), no caso das meninas, os seios ficam maiores e há a primeira menstruação; quanto aos meninos, o tom da voz torna-se diferente e pelos aparecem por todo o corpo. Esses indivíduos deparam-se, assim, com a *morte* do corpo infantil ao qual estavam habituados. Simultaneamente, tem-se o *luto* por esse corpo antes habitado e a modificação na autoimagem, bem como as identificações que esse novo corpo torna possível.

Para Dolto (1990), o adolescente encontra-se em uma fase de mutação. Nesse sentido, a adolescência é como o período do nascimento: assim como o nascer é uma forma de mutação que possibilita a transformação do feto em um bebê e demanda uma adaptação dele à respiração pelas narinas e à própria digestão, o adolescente enfrenta um estágio de mudança corporal sobre o qual ele nada pode fazer, já que essa transformação independe dele e, para os adultos, pode ser um momento carregado de angústia, por não saber como lidar com esse desenvolvimento. Além disso, a fase da adolescência pode se prolongar conforme as projeções que os adolescentes recebem de seus pais ou dos adultos que admira e, também, da sociedade, que lhe estabelece fronteiras de exploração.

Uma observação realizada pela autora é a de que o jovem tende a reproduzir a vulnerabilidade do bebê ao nascer, imensamente sugestionável ao olhar extremamente sensível e às palavras de pessoas que admiram. As idades de 11 a 13 anos, em que se encontram na puberdade, é um ponto extremo de fragilidade. Os jovens ficam avermelhados, escondem a face com seus cabelos, gesticulam para superar o constrangimento, a vergonha ou mesmo para disfarçar uma grande ferida que pode ser, aos olhos dos adultos, indetectável.

A autora compara a fase em que os adolescentes se encontram com camarões e lagostas quando “perdem seu invólucro natural: nessa hora, eles se escondem debaixo das pedras, enquanto se desfazem de sua concha para adquirirem defesas”. Reitera, porém, que “enquanto estiverem vulneráveis, se receberem pancadas, ficarão feridos para sempre, sua carapaça cobrirá novamente as cicatrizes e não as apagará mais” (DOLTO, 1990, p. 15). Sublinha, também, o importante papel das pessoas que estão próximas dos jovens nesse período de transição para a vida adulta e em que vivenciam maior vulnerabilidade, na medida em que podem contribuir para o seu processo de desenvolvimento da autoconfiança e dar forças para a superação de suas impotências e/ou do desânimo e/ou da depressão. Da mesma maneira, a ausência de adultos responsáveis pelos jovens e/ou problemas com pessoas que os circundam pode afetá-los.

De sua parte, Erikson (1980) conceitua a adolescência como sendo a última etapa da infância. Para ele, o sujeito adolescente concluirá esse desenvolvimento de forma completa quando estiver submetendo as identificações de sua fase infantil à nova identificação, adquirida mediante um processo de socialização e aprendizado com seus pares. Além disso, elucida que a inserção do adolescente no mundo dos adultos é a forma de construção de sua identidade. Desse modo, a formação de uma identidade pessoal caracteriza-se como uma das tarefas mais significativas no período da adolescência.

Abordando a teoria eriksoniana, Palacios e Oliva (2017) explicam que o autor classifica a adolescência como fase indispensável no desenvolvimento do *eu*. Isso ocorre porque as mudanças, tanto psíquicas quanto biológicas e de instâncias sociais, levam o sujeito a uma *crise de identidade* e é a solução para essa crise que contribuirá para a solidificação de sua personalidade quando adulto. Na perspectiva de Erikson (1980), a concepção de crise da adolescência não retrata necessariamente algum tipo de perda ou desastre, mas sim a interrupção de uma fase que gera novos desejos, propósitos e alvos a alcançar.

Peter Blos (1985), por sua vez, ao investigar a adolescência, enfatiza dois tópicos fundamentais: a perda de subordinação nas relações parentais e a redução da dependência, como evidenciam suas palavras: “a distinção entre realidade interior e exterior, entre o eu e não-eu, indicam a crescente separação entre a criança e a mãe, e uma redução da dependência” (BLOS, 1985, p. 8). Essa ressignificação das relações, nesse sentido, corresponde a um processo no qual se estrutura todo o desenvolvimento do adolescer.

Já Gutierrez (2003, p. 17) entende que, diferentemente da criança, que depende do outro e, conseqüentemente, tende a sujeitar-se de modo mais fácil ao adulto que se mostra como um todo capacitado de controle, o adolescente “está num tempo de constituição subjetiva que coloca em xeque o mundo adulto até então apresentado como o lugar onde a realização e a satisfação plena poderiam ser alcançadas”. A autora se pauta na ideia de que os estudos referentes ao “mercado” acabaram por “descobrir” o adolescente. Em seu ponto de vista, a pós-modernidade cria uma espécie de culto ao adolescer, já que usa a adolescência para fins de consumo, a exemplo da música que ouvem, da dança que gostam etc.

Em seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (2016) dedica o terceiro ensaio para abordar a adolescência. Diferentemente do instinto sexual, principalmente o autoerótico, presente na infância, o sujeito, na puberdade, se depara com a tarefa de buscar um “objeto sexual”. Desse modo, “o instinto sexual se põe agora a serviço da função reprodutora” (FREUD, 2016, p. 122) e a puberdade torna-se o período de potencial conclusão do desenvolvimento sexual.

Em sua concepção, a alteração pulsional direcionada ao objeto favoreceria as “fantasias incestuosas”, impondo um afastamento gradativo das figuras parentais, o que é uma das tarefas psíquicas de maior significância na puberdade e pode ser causadora de sofrimento, que, embora doloroso, é fundamental:

Simultaneamente com a superação e repúdio dessas fantasias claramente incestuosas, sucede uma das realizações psíquicas mais significativas e também mais dolorosas da época da puberdade, o desprendimento da autoridade dos pais, através do qual se cria a oposição - tão relevante para o avanço cultural - da nova geração em face da antiga. Em cada uma das etapas do curso evolutivo que os indivíduos devem percorrer, certo número deles é retido, de modo que há pessoas que nunca superam a autoridade dos pais e não retiram - ou o fazem apenas de modo incompleto - a ternura por eles (FREUD, 2016, p. 149).

Entre o afastamento dessas figuras, pode haver, inclusive, um conflito de gerações, que, segundo Prioste (2016, p. 108), “pode deixar os adolescentes mais vulneráveis aos apelos mercadológicos, se os adultos não conseguirem estabelecer uma relação de confiança de trocas identificatórias favoráveis à constituição subjetiva”. A autora reitera que as mudanças corporais e psíquicas marcam o início da puberdade, porém a adolescência não se restringe a essas mudanças. Em suas palavras,

Em certa medida, a ambiguidade da adolescência, de possuir um corpo capaz de realizar as mesmas proezas de um adulto, porém sem validação social para tal, dificulta a percepção da vulnerabilidade psíquica e social. Assim, se o corpo frágil de uma criança, suscita-nos atenção e cuidados, o corpo do adolescente, ora escondido nas roupas largas, ora exibido em uma sensualidade adulta, provoca afastamento dos que dele deveriam cuidar. A relação conflituosa com a geração precedente, também característica da adolescência, pode deixar os adolescentes mais vulneráveis aos apelos mercadológicos, se os adultos não conseguirem estabelecer uma relação de confiança de trocas identificatórias favoráveis à constituição subjetiva (PRIOSTE, 2016, p. 108).

Em concordância com Palacios e Oliva (2017), para quem a adolescência é fundamental para a definição e consolidação de sua identidade, Vicentim (2014) acredita que o desenvolvimento dos sujeitos se dá por meio de um processo marcado por uma intensa busca dos jovens pela estabilização do *eu*. Em vista disso, assevera que “sustentado pelas estruturas cognitivas, o jovem busca respostas para as perguntas ‘quem sou eu’ e ‘quem eu quero ser’” (VICENTIM, 2014, p. 27).

Seguindo a mesma perspectiva, Tardeli (2014, p. 54) explica que a identidade do sujeito não é formada apenas por corriqueiras e despreziosas percepções, mas sim de formas de “tomada de consciência onde o sujeito se compara, faz associações, reconstitui as ações em



planos superiores, antecipa consequências e efetiva escolhas”. A autora ainda aborda as diversas formas de influência que o sujeito recebe do meio em que está inserido. Tais influências, segundo ela, “atuam como mecanismos desencadeadores de suas interpretações cotidianas sobre si e sobre o que o rodeia, permitindo a construção de sua identidade” (TARDELI, 2014, p. 54).

As relações com os outros são importantes para o desenvolvimento do adolescente, pois a adolescência engloba um misto de descobrimentos, angústias e relações intensas com seus grupos. Fazer parte de uma *tribo*, identificar-se com outros pares, faz parte desse momento. São os relacionamentos estabelecidos em diversos âmbitos sociais como escola, igreja, família e com os grupos culturalmente instituídos, junto a sua biografia pessoal, que vão definir seu papel diante da sociedade e favorecer a construção de sua identidade (TARDELI, 2014). Os grupos possuem encontros e identificação entre iguais mediante a representatividades em comum, assim como formas comuns de se vestir, de falar e de se organizar na sociedade.

Tardeli (2011, p. 5) também explicita que a “intimidade com os pares tem implicado no próprio desenvolvimento da identidade, porque se caracteriza como oportunidade de compartilhar percepções e sentimentos com outros adolescentes”. Após a identidade de grupo ser definida, passam a compartilhar rituais e costumes e aqueles que não o fazem passam a ser vistos como diferentes, podendo ser representados ou não por outros grupos (CANCLINI, 1995).

Nesse sentido, Calligaris (2000) destaca uma característica habitual dos adolescentes: a necessidade de estarem juntos com seus pares, passando pelas mesmas situações. Isso quer dizer que os adolescentes buscam outros espaços urbanos, além do contexto familiar, para dividir suas experiências e preferências por determinadas atividades, em busca de constituir um convívio social.

Por fim, Paladino (2005) afirma que o adolescente tende a substituir as figuras paternas por outras referências em busca de suas próprias idealizações e o grupo o auxilia em determinado período, oferecendo apoio para que se configure e se constitua enquanto sujeito autônomo e independente psiquicamente.

## 1.6 Adolescência brasileira: breve exposição do contexto atual

Com o objetivo de traçar um panorama da infância e da adolescência brasileiras, a Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança e do Adolescente - ABRINQ, estimava, em 2020, que 69,8 milhões de indivíduos de 0 a 19 anos, no Brasil, eram crianças e adolescentes no Brasil. Segundo o ECA (BRASIL, 1990), artigos 4º e 5º, tal público tem direito a educação, saúde, segurança e a serem protegidos de qualquer tipo de negligência ou exploração. Entretanto, pesquisas mostram que o Brasil ainda está longe de oferecer todas as condições necessárias para que crianças e adolescentes vivam bem e protegidos em nossa sociedade.

O relatório “Um panorama da violência letal e sexual contra crianças e adolescentes” (UNICEF, 2021), que reuniu dados das 27 unidades federativas do país sobre a violência letal e sexual contra crianças e adolescentes brasileiros, expõe que dentre os anos de 2016 a 2020, ocorrem cerca de 39.918 mortes violentas e intencionais de crianças e adolescentes no país, na faixa etária de 15 a 19 anos. O estudo apontou que a maioria das vítimas, entre todas as faixas etárias, eram meninos negros, sendo quatro em cada cinco vítimas, além de serem os que mais morrem por ações policiais.

No que se refere aos casos de violência sexual, os dados apontam que 179.277 casos foram registrados como casos de estupro ou estupro de vulnerável com vítimas de até 19 anos. Cerca de 80% dos casos ocorrem com as meninas, sendo elas a maioria das vítimas de violência sexual no país. A idade mais frequente é de 13 anos. O estudo ressalta que a maioria dos acontecimentos ocorre na residência das vítimas e 86% dos autores eram seus conhecidos (UNICEF, 2021). Com efeito da pandemia, houve uma diminuição nos registros de violência sexual. No entanto, o relatório nos alerta de que, por conta do isolamento social, a queda retrata o aumento da subnotificação e não a baixa de acontecimentos.

Dados do relatório *Trabalho Infantil: Estimativas Globais 2020, tendências e o caminho a seguir* (ILO; UNICEF, 2020) indicam que, de 2000 a 2016, 94 milhões de crianças e adolescentes exerceram trabalho infantil no mundo. O relatório indica também que houve um aumento do número de crianças de 5 a 11 anos que trabalham, o que representa mais da metade de todos esses casos em equivalência mundial. Concernente a indivíduos de 5 a 17 anos, 79 milhões desempenham trabalhos perigosos, em situações precárias, que são prejudiciais a sua saúde, integridade física ou moral. Ademais, aproximadamente 35% de crianças e adolescentes brasileiros de 12 a 14 anos, vítimas do trabalho infantil, não têm acesso à educação, e os indivíduos que se encontram nessas condições podem sofrer danos físicos e emocionais, dificultando as outras etapas da vida.

De acordo com o IBGE (2020), no Brasil, aproximadamente 8,3 milhões de crianças e adolescentes entre 15 e 17 anos trabalham, sendo que 2 milhões realizam atividades remuneradas ou de autoconsumo e 403 mil só realizam atividades de autoconsumo. Em relação aos trabalhos de risco, no ano de 2019, o IBGE (2020) estima que 706 mil sujeitos exercem as piores formas de trabalho infantil. O trabalho exercido por crianças e adolescentes de forma ilegal não somente prejudica a educação dos sujeitos, como também viola seus direitos e suprime suas oportunidades. Os dados escancaram as desigualdades da sociedade em que crianças e adolescentes podem estar inseridos, mostrando, mais uma vez, que há diferença nas vivências e no desenvolvimento de tais sujeitos.

A Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PeNSE), entrevistou mais de cem mil estudantes em 2015 e o resultado desse estudo apontou que 18,4% dos entrevistados relataram que já tinham experimentado cigarros; 55% já tinham provado bebida alcoólica; e 23,8% confessaram ter ingerido bebida alcoólica durante o mês da pesquisa.

No que tange à violência sofrida pelos jovens brasileiros, de acordo com o Instituto de Pesquisa Aplicada (IPEA), no ano de 2019 houve mais de 45,5 mil mortes por homicídio no Brasil. Em meio a esses números, figuram 7,1 mil crianças e adolescentes de 0 a 19 anos, sendo que 75,5% dessas crianças e adolescentes vítimas da violência foi executada por arma de fogo. Ainda segundo o IPEA, as mortes por homicídio afetam, principalmente, meninos de áreas periféricas. Além disso, conforme dados do “Atlas da Violência de 2019”, no ano de 2017, cerca de 75,5% das vítimas mortas por homicídios eram pessoas negras ou pardas, o que torna ainda mais evidentes as desigualdades de nosso país.

Estima-se que, a cada 60 minutos, uma criança ou um adolescente morre no Brasil em decorrência de ferimentos por arma de fogo. Entre 1997 e 2016, foram mais de 145 mil jovens com até 19 anos (LABOISSIÈRE, 2019). Quanto à percepção dos alunos sobre a violência escolar, um estudo feito por Abramovay (2016) com cerca de 8.000 estudantes em sete capitais aponta que 70% dos jovens confirmaram ocorrências de violências em suas instituições escolares. Além disso, nos últimos 12 meses, 20,9% dos estudantes afirmaram ter sofrido ameaças, 25% foram vítimas de roubos ou furtos e cerca de 13% confirmaram que sofreram agressões físicas. O estudo também mostra, no que concerne aos adolescentes que portam armas na escola, que 45% dos estudantes já viram colegas com facas e canivetes na escola, e 24% dos alunos afirmaram que já viram estudantes portando armas de fogo na instituição de ensino. Por fim, cerca de 16% dos jovens admitiram já ter cometido algum tipo de violência na escola.

No que se refere à gravidez na adolescência no Brasil, segundo o Ministério da Saúde, existem cerca de 400 mil casos ao ano. Os dados indicam que 28.244 das crianças nascidas

eram de mães com idade entre 10 e 14 anos, e 534.364 de mães na faixa de 15 e 19 anos (BRASIL, 2020). Quanto ao uso de drogas, os dados do PENSE (2016) indicam que, entre os estudantes do 9º ano do ensino fundamental, cerca de 9,0% já usou algum tipo de droga ilícita. De acordo com essa pesquisa, quando questionados se os amigos faziam uso de drogas ilícitas, aproximadamente 17,6% dos estudantes de 9º ano afirmaram que alguns ou a maioria dos colegas eram usuários.

Segundo a pesquisa “Caminhada de crianças, adolescentes e jovens na rede do tráfico de drogas no varejo do Rio de Janeiro, 2004-2006”, realizada por Silva *et al.* (2006) com 230 jovens, a entrada de adolescentes no mundo do crime tem início em torno dos 13 anos e o seu ingresso no tráfico ocorre entre 15 e 19 anos. Para Veronese (2001), isso ocorre na medida em que o adolescente se entrega ao que consideram “benefícios” subsequentes, como ter a sensação de realização, e ser visto pelo tráfico como alguém com prestígio e valor (MACHADO; KUHN, 2015).

Tais pesquisas escancaram os problemas sociais do país e evidenciam as diferenças sociais em que nossas crianças e adolescentes estão inseridas e que, apesar de possuímos leis e, principalmente, um estatuto que explicita seus direitos, existem grandes lacunas que são significativas para um desenvolvimento saudável, tanto físico quanto psíquico. Os estudos também mostram que nem todos os adolescentes possuem as mesmas condições, o que evidencia que o desenvolvimento da adolescência ocorre de acordo com o lugar em que se está inserido, podendo ser sofrido e indigno para uma determinada parcela da sociedade.

### **1.7 O adolescente no contexto pandêmico**

No final de 2019, na cidade de Wuhan, China, surgiram os primeiros casos de COVID-19, provocado pelo novo coronavírus, que foi rapidamente se espalhando ao redor do mundo até instalar uma pandemia global. Após os crescentes números de óbitos e infectados, a Organização Mundial da Saúde sugeriu que os países aderissem a um protocolo de isolamento social em busca de conter a expansão da doença. No início de 2020, o vírus chegou ao Brasil. Segundo dados do Ministério da Saúde no ano de 2021, o Brasil possuiu cerca de 21.366.395 milhões de casos acumulados e mais de 500 mil óbitos contabilizados. Por conta do aumento alarmante da doença, o país também aderiu ao isolamento social, como principal meio de contenção do vírus, bem como ao uso de máscaras e álcool para higienização das mãos. Embora já existam vacinas, infelizmente houve um atraso por parte do Governo Federal em distribuí-las, fazendo com que o isolamento perdurasse, diferentemente do que ocorreu em outros países.

Uma enquete realizada pelo Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), em 2020, com 4 mil adolescentes com idades de 15 a 19 anos, de todo o Brasil, apontou que 72% desses jovens relataram sentir a necessidade de buscar ajuda para seu bem-estar físico ou emocional durante a quarentena. No entanto, a enquete mostrou que 41% desses adolescentes não recorre a ninguém. Assim, em busca de identificar os danos causados pelo impacto da pandemia na saúde mental dos jovens, a pesquisa constatou que 46% dos entrevistados sentiam-se mais pessimistas, 80% relataram sentimentos de negatividade (depressão, ansiedade, preocupação, tédio etc.) e 34% assumiram dormir mais, enquanto cerca de 35%, menos.

Já a pesquisa “Jovens: Projeções Populacionais, Percepções e Políticas Públicas”, realizada pela FGV Social, coordenada por Neri (2021), identificou que, na autoavaliação relacionada à felicidade, levando-se em conta uma média de 0 a 10 pontos, a pontuação dos jovens brasileiros foi de 6,4 em 2020, configurando a terceira maior queda de média em comparação com os dados de 132 países. Além disso, houve um aumento no número de jovens do Brasil que se mostraram preocupados, tendo passado para 59% quando, no ano anterior, estimava 44%.

Em meio a tantos problemas envolvendo os adolescentes, nota-se uma predisposição a sensações de angústia, vazio, inadequação etc., o que pode, muitas vezes, causar impactos em sua saúde mental. Em vista disso, o Ministério da Saúde, em parceria com a Fundação Oswaldo Cruz (FioCruz), desenvolveu, em 2020, a série de cartilhas “Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia Covid-19” (MARQUES, 2020), voltadas à atenção à saúde mental e aos riscos de suicídio durante a pandemia de COVID-19. Um dos documentos chama atenção, em especial, para os fatores de risco que podem levar o sujeito a tirar a própria da vida. Afinal, com muitas restrições à realização de atividades do dia a dia, pode ocorrer um aumento de condições de depressão e ideações suicidas. Os medos, as inseguranças quanto ao futuro e os problemas econômicos na família podem tornar as crianças e os adolescentes mais vulneráveis (GOLBERSTEIN *et al.*, 2020). Dessa forma, pode-se gerar ou potencializar o sofrimento e os problemas de saúde mental.

Em outra pesquisa, realizada pela Unicamp, Fundação Oswaldo Cruz e Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), coletada entre junho e setembro de 2020, foram investigadas mudanças significativas nas atividades cotidianas, nos estilos de vida e na relação com amigos e família, além das atividades escolares e dos cuidados com a saúde e o estado de ânimo. Foram consultados 9.470 adolescentes brasileiros, de 12 a 17 anos. De acordo com o resultado total da amostra, 30% dos adolescentes disseram achar que sua saúde piorou, 36% relataram problemas

na qualidade do sono, sendo que 23,9% apontaram ter problemas para dormir. Em relação aos amigos, 32,8% sentiram-se isolados dos colegas e muitos adolescentes (31,6%) se sentiram tristes. Além disso, cerca de 48,7% dos adolescentes relataram sentimentos como irritabilidade, nervosismo e preocupação.

Para além dessas informações, em tempos pós-modernos e pandêmicos, as formas de ser e estar no mundo tornam-se, a cada dia, mais dispersas e confusas, e os sentimentos de medo referentes ao futuro aparecem. Lidar com as diversas formas de vida na atualidade não é algo prontamente prescrito pelos adultos para nossos jovens. Reconhecer-se como sujeito, passar pela fase de mudanças orgânicas e psíquicas e, ainda, conseguir conciliar a relação com os pares e consigo mesmo não é um processo pelo qual se passa sem dificuldades, assim como não é fácil trabalhá-lo com os adolescentes, visto que as experiências vivenciadas nessa fase de desenvolvimento podem gerar danos irreparáveis.

O ambiente virtual se tornou, com as medidas de isolamento social desencadeadas pela pandemia de COVID-19, o único e possível espaço de comunicação e, embora possua muitas características positivas para o aprendizado, como as aulas remotas, as possibilidades de pesquisa etc., necessárias à educação sobretudo nesse momento, ficaram explícitos, neste capítulo, os pontos negativos das interações no espaço virtual. O uso da internet de maneira excessiva, decorrente ou não dos tempos pandêmicos, faz com que crianças e adolescentes estejam cada vez mais expostos a riscos que lhe podem causar grande sofrimento. As medidas de isolamento, distanciamento social e ensino remoto afetaram as relações intersubjetivas, seja com famílias, seja com seus pares, e causaram impactos em seu saber no processo de ensino-aprendizagem. As mídias digitais que incluem as redes sociais, as comunidades e os jogos online são dotadas de preconceitos e podem se tornar ambientes nocivos para esses adolescentes, que são suscetíveis às influências internas sem a devida noção crítica.

## CAPÍTULO 2 – O USO DA INTERNET POR ADOLESCENTES: OPORTUNIDADES E RISCOS

### 2.1 O adolescente na contemporaneidade e o uso da internet

A sociedade contemporânea, segundo Bauman (1999), vive um tempo em que as distâncias se tornaram menores e as informações circulam de forma acelerada, como se fosse possível estar presente simultaneamente em diversas situações. As pessoas vivem no tempo da velocidade de informações, que chegam também para os adolescentes na forma de avalanche.

Esse excesso de informações caracteriza um tempo em que tudo é instantâneo, pautado no “aqui e agora”, experiência que é imposta pelo meio social e causa grande impacto na vida de todos, sobretudo daqueles que são dependentes de seus *notebooks*, *iPads*, celulares, jogos eletrônicos e das redes sociais. Embora esses aparelhos possuam várias ferramentas educativas, também promovem o acesso simultâneo a vários conteúdos, fazendo com que essa geração fique dependente deles, na medida em que precisam se manter conectados para acessarem diferentes ambientes virtuais, sem saber, muitas vezes, como conviver na forma presencial.

Além disso, nessa mesma sociedade, valoriza-se e investe-se de maneira cada mais exagerada no “eu”, levando os sujeitos a viverem de imagens, de mídias sociais e do consumo excessivo. É a “sociedade do espetáculo”, como intitula Debord (1997), na qual o mais importante é ter e demonstrar poder e fama. Concernente a essas novas formas de viver em sociedade, Ferreira (1992) e Damon (2008) esclarecem que são próprias da contemporaneidade, que se configura como um período de inércia e falta de sentido na vida dos adolescentes e jovens. Trata-se de um momento histórico em que se experiencia uma incessante produção de informações, alimentada pelos meios de comunicação, que fazem com que os sujeitos cultivem modelos que regulam, em grande medida, o incentivo ao consumo.

Nesse sentido, Campbell (2006) explicita que o ato de consumir se sobrepõe à necessidade de sobrevivência (consumo do que é necessário à vida), passando a estar mais relacionado à forma como o indivíduo se vê no mundo. Agindo de acordo com essa perspectiva, ao comprar, o sujeito afirma que existe, ao mesmo tempo que consome para saber quem, de fato, é. Em vista disso, o indivíduo inserido na sociedade pós-moderna encontra-se refém da ideia de que o consumo lhe possibilitará conquistar a felicidade, crença que faz com que viva cada vez mais preso às influências midiáticas.

Debord (1997) aclara que a sociedade contemporânea tem como principal foco a imagem. São as emoções postadas no âmbito virtual que movimentam o mundo, é o que ele denomina como “sociedade do espetáculo”. As pessoas criam imagens de si tendo como

objetivo atender a um padrão designado pelos contextos social, político, cultural e econômico. Ainda segundo o autor, na sociedade do espetáculo não há lugar para o diálogo efetivo, para o encontro entre indivíduos que visam se conhecer, que querem conversar sem representar, que têm a genuína intenção de estreitar laços verdadeiros.

Bauman (2004), a esse respeito, esclarece que, como, nesse “universo líquido”, tudo é consumido e descartado velozmente, nada consegue preencher o vazio existencial do sujeito. Assim, a sociedade contemporânea oferece, ao sujeito, um ideal de vida e de felicidade inalcançáveis, que resulta em mal-estar, depressão e grande frustração. Além disso, a maneira como se dá o consumir (comprar, usufruir e se desfazer) não se limita à aquisição de bens materiais, pois tem se manifestado da mesma forma nas relações entre os seres humanos. Os vínculos passam a ter pouca durabilidade, do mesmo modo que a relação do consumidor com seu objeto.

Na concepção de Olmos *et al.* (2016), o processo de desenvolvimento das crianças e adolescentes é influenciado por esse contexto de consumo e imediatismo em que estão inseridos, já que tais valores não se refletem somente no exterior desses jovens, mas também em seus modos de ver o mundo e as emoções, ainda em fase de construção. Assim, ao buscar certo padrão idealizado (impossível de ser alcançado) pela mídia, crianças e adolescentes experimentam sensações de vazio, incapacidade e descabimento, que incidirão sobre seus relacionamentos com outros e consigo mesmo.

Diante de tudo isso, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) têm se tornado parte indispensável do cotidiano dos indivíduos nessa primeira metade do século XXI e têm contribuído para a exacerbação do consumismo. Crianças e adolescentes são chamados de nativos digitais por terem nascido em um período em que essas ferramentas tecnológicas já existiam e estavam disseminadas. Desse modo, os jovens atualmente interagem com as TICs de forma natural e constante, fazendo uso, principalmente, de dispositivos móveis como *smartphones*, *tablets* e *notebooks* (GEORGE; ODGERS, 2015). Crianças e adolescentes tendem a utilizar essas tecnologias para obter e trocar informações, filmes, músicas, séries e jogos, bem como interagir entre pares através de mídias sociais. No entanto, em meio aos diversos benefícios oferecidos por essas TICs, há também aspectos negativos, como a possibilidade de vivências disruptivas e sofrimentos nos ambientes virtuais.

Viotti (1995) explica que o indivíduo que se encontra na “realidade virtual”, frequentemente, inventa um mundo onde as vivências e emoções são, de certa forma, mais intensas do que as do “mundo real”. Em vista disso, se cada um tiver a oportunidade de criar um “mundo particular”, corre-se o risco de que esse espaço se torne mais atraente do que o



experimentado na realidade, levando o sujeito, em alguma medida, a considerar o espaço real menos relevante. Ademais, com as informações advindas de qualquer lugar e o acesso às mídias sociais facilitado, as relações tornam-se cada vez mais passageiras, em que tudo é descartado rapidamente.

Contudo, o maior problema relacionado à juventude, nesse aspecto, é que, em meio a esse turbilhão de experiências efêmeras e relações passageiras, até mesmo ocasionais, geradas pelas mídias sociais, os relacionamentos entre os jovens, tão importantes para a construção de identidade, podem ser enfraquecidos, pois, nessa sociedade líquida, o ser humano não mais se relaciona e sim se conecta. Em outras palavras, se comparada com a relação presencial, a relação no ambiente virtual é muito mais simples: é fácil se desconectar, assim como bloquear, excluir e fantasiar que a outra pessoa não existe mais em seu ciclo de relacionamentos.

## 2.2 Os ambientes virtuais

Diversas são as questões problemáticas que envolvem o uso da internet e das redes sociais, quando refletimos acerca deles e de como temos nos relacionado nos ambientes digitais (BOZZA, 2022). O surgimento da internet fez com as interações sociais não mais necessitassem de presença física para ocorrerem. Os dispositivos tecnológicos, juntamente com a conexão, conceberam novos espaços de interação e novos hábitos se formaram. Os adolescentes, então, foram lançados a um “novo mundo”, a cibercultura. O termo se dá para um novo modelo de relação subjetiva que se constrói na conexão entre homem e máquina, gerando mudanças relevantes no âmbito social (PRIOSTE, 2020). Nas palavras de Levy (1999),

O ciberespaço favorece as conexões, as coordenações, as sinergias entre as inteligências individuais, e, sobretudo se um contexto vivo for melhor compartilhado, se os indivíduos e os grupos puderem se situar mutuamente numa paisagem virtual [...] (LEVY, 1999).

O autor explicita que o ciberespaço é um espaço em que os sujeitos interagem, dialogam e se comunicam, mediado pelas redes sociais. Para ele, o virtual é um processo de transformação e atualização, que vai além de um modo particular de se comunicar (LEVY, 1999).

Embora a internet tenha possibilitado flexibilidade de tempo e espaço, possibilitando novos espaço para comunicação (cf. BOZZA, 2016), pode ser também cenário que escancara graves problemas, quando refletimos acerca deles e de como temos nos relacionado nos ambientes digitais (BOZZA, 2022).

As ferramentas disponíveis na internet, como jogos, redes sociais, fóruns etc., colocam, segundo Levy *et al.* (2017), “seus usuários diante de uma janela aberta em que qualquer um pode entrar, de modo que seu rápido acesso pelas crianças e adolescentes pode gerar um misto de fascínio e perigo”.

A “confusão entre a fantasia e realidade”, como destacam Levy e Louise (2019, p. 60),

permeia o imaginário infantil independentemente da internet, já que o advento da tecnologia produz um movimento de busca pela satisfação plena e imediata de acesso a essa fantasia, acompanhadas de um notável pensamento mágico, que parece tamponar a falta constitutiva do ser humano inerente aos processos de subjetivação.

Para seguir com nossas reflexões, faz-se necessário discorrer sobre as formas de violência ocorridas no meio virtual. Apresentaremos a seguir, brevemente, conceitos que abordam a temática, visando o mapeamento que exploram as incivildades on-line, tidos também como as agressões virtuais.

### 2.3 Riscos on-line e os comportamentos agressivos

Expressões e palavras agressivas, carregadas de preconceito e ódio, opiniões que hostilizam e se autoneciam liberdade de expressão, entre outras formas de violência que possuem o poder de “ferir” e destruir a imagem de outrem, segundo Bozza (2022) “impactam nas esferas sociais de modo geral”. Tais comportamentos perpassam as gerações e é comum em todos os ambientes.

Segundo o Dicionário On-line de Língua Portuguesa – DICIO, a palavra incivildade tem origem do latim *incivilitas.atris*. Consiste na inexistência de civilidade. O comportamento destinado ao termo significa “ação ou comportamento incivil (indelicado); indelicadeza. Ato, expressão ou maneira de agir que expressa grosseria; brutalidade ou violência”.

Com o advento da internet, a incivildade perpassou os campos físicos e se direcionou, também, para os ambientes virtuais. Não é mais necessário estar perto para atacar, agredir ou humilhar alguém. As formas de agressão no ambiente virtual, segundo Dempsey *et al.* (2011), provocam, intencionalmente uma vítima, expondo-a, ameaçando-a ou humilhando-a.

Há diversos tipos de violências na internet que colocam crianças, adolescentes e até mesmo adulto em risco. Alguns deles são: *cyberbullying*, *sexting*, *cyberstalking*, *pornografia de revanche*, *sextorsão*, *shaming*, *cyberteasing*, *cybergrooming*. A xenofobia, a misoginia, o racismo, a intolerância religiosa e os preconceitos relacionados a gênero e provenientes de discursos de ódio também compõem as violências on-line e, cada vez mais, vemos formas de

humilhar, expor e causar sofrimento que são muito mais comuns no contexto da pós-modernidade e entre os adolescentes. Tais exposições podem gerar graves consequências aos adolescentes, já que assim como Aberastury e Knobel (1981) nos explicitam, são mais suscetíveis a essas violências por exibirem certa vulnerabilidade nesta etapa da vida.

No âmbito escolar, as incivildades entre os pares e voltadas aos profissionais da escola são recorrentes. Segundo dados do Registros de Ocorrências Escolares – ROE, no primeiro trimestre de 2019, das mais de 5.000 escolas do estado de São Paulo, pouco mais de mil casos foram relacionados à agressão física, cerca de 1.067 à agressão verbal, 627 a ameaças, 690 casos foram de vandalismo ou depredação, 330 foram episódios de bullying ou humilhação sistemática. As ocorrências de indisciplina foram de 7.603.

Segundo Vinha *et al.* (2019, p. 117-118), as incivildades também podem ser consideradas como:

confrontos, violação às normas justas e necessárias, desrespeito às regras elaboradas coletivamente, desordem, distorções, comportamentos irritantes, enfrentamento, desinteresse, desmotivação, apatia, indisciplina curricular, indisciplina social, indisciplina regimentar e indisciplina passiva.

A brutalidade ou violência, caracterizadas na definição do termo incivildade advindas do dicionário, são expressas de várias maneiras durante a convivência de estudantes na escola.

Um deles pode ser caracterizado como bullying e que, segundo Fante *et al.* (2003), pode submeter vários indivíduos a esses atos dessa violência, posto que gera medo, insegurança e assombro nos estudantes, tanto nas vítimas como nos outros. Quanto aos presentes na instituição educacional, apesar de presenciarem, pouco podem fazer exatamente para não se tornarem alvos.

Dados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar – PeNSE (IBGE, 2016) revelam que, no ano de 2015, uma investigação realizada com mais de 2,6 milhões de estudantes, 7,4% dos jovens afirmaram sofrer provocações e humilhações na escola, com base nos últimos 30 dias anteriores à pesquisa. Ademais, 19,8% dos alunos indicaram que foram “esculachados”, “zoados” e intimidados pelos seus companheiros escolares. Dentre os dados apontados pela investigação, 15,6% dos jovens alegaram que os motivos para as intimidações foram seu estereótipo corporal.

Trazido para o contexto virtual, o bullying dá lugar ao cyberbullying, que, similarmente, ocorre de maneira intencional em relação ao outro, ou seja, há a intenção de ferir, humilhar e fazer sofrer. Além da intencionalidade, o fenômeno ocorre numa relação de paridade e costuma

acarretar graves consequências emocionais aos alvos, como depressão, ansiedade, baixa de rendimento escolar, entre outros (AVILÉS, 2013; DEMPSEY *et al.*, 2011).

Uma vez exposto qualquer tipo de agressão virtual ao outro na internet, pode levar a níveis inimagináveis de compartilhamentos, capturas de tela e pode, ainda, contar com o anonimato, fator que prejudica a identificação de um possível agressor que iniciou a violência, perpetuando a propagação do conteúdo. Ou seja, é o uso indiscriminado de ferramentas tecnológicas para assediar, ameaçar, constranger ou humilhar a vítima (DEMPSEY *et al.*, 2011; GRAHAM; JUVONEN, 1998). O anonimato gera uma sensação de poder e diminui muito a possibilidade de o autor enfrentar as consequências dos seus atos (AVILÉS, 2013).

Liu (2007) explica que para adentrar em uma rede social faz-se necessário um parecer do próprio sujeito em relação a expor sua intimidade, porém, essas decisões nem sempre são de cunho sensato, já que, em sua maioria, são crianças e adolescentes. O fato de que a internet ou o acesso às mídias digitais não necessariamente impõe uma identificação dos sujeitos, possibilita que muitas pessoas usem o anonimato para disseminar atos violentos ou de desrespeito aos outros. Dessa forma, pode fazer com que haja uma sensação de impunidade aos comportamentos incivis, datados de discursos de ódio ou atos violentos (MASON, 2008).

Um estudo realizado por Medrano *et al.* (2018) com 397 jovens de 10 a 20 anos, estudantes de uma instituição escolar da Colômbia, explicitou que o cyberbullying tem uma relação direta com ações ou pensamentos suicidas e que as mulheres são as mais propensas a sofrer este tipo de violência.

A partir do estudo de Cassidy *et al.* (2009), feito com 363 crianças e adolescentes de 11 a 15 anos em uma escola do Canadá, nos é mostrado que um terço dos estudantes apontaram serem alvos de cyberbullying e 4% desse público admite ter pensamentos suicidas. Em uma pesquisa que buscou relacionar o cyberbullying com as ideias suicidas com 449 adolescentes de 12 a 17 anos no Equador, evidenciou-se que existe uma relação intrínseca entre a vitimização por este fenômeno e os pensamentos suicidas (SANTO; FERNÁNDEZ, 2021).

Segundo Catalán (2017), ao investigar o predomínio de alvos de cyberbullying e pensamentos suicidas em alunos de 13 a 17 anos de um projeto com o Santander, mostrou-se que, entre os jovens de 13 a 14 anos, houve uma alta de ideias suicidas, majoritariamente em meninas.

Já em um estudo realizado por Carvalho (2019), com uma amostra composta por 346 adolescentes de Portugal, elucidou-se que há uma forte relação entre a vitimização por cyberbullying, os comportamentos de risco e depressão e ansiedade. Os dados até aqui nos

sugerem o quanto o cyberbullying pode gerar danos inimagináveis aos alvos de tais intimidações.

Durante o período de isolamento consequente do Covid-19, o fechamento obrigatório das escolas no âmbito presencial fez com que as violências on-line tomassem conta das relações na internet (UNICEF, 2020), assim como nas mídias sociais, nos jogos e nas comunidades. Em busca de mapear as violências globais contra crianças e adolescentes, a Organização Mundial da Saúde (OMS), em parceria com a UNICEF, publicou um relatório sobre os anos de 2018 e 2019 com 155 países e 1.000 responsáveis pelas decisões de tais (OMS, 2020). A investigação aponta que jovens de 11 a 15 anos são vítimas de intimidações por seus pares no último mês da pesquisa. Detectou-se um aumento exponencial de danos causados pelo uso das redes, dentre eles, a exploração sexual e o cyberbullying.

Além disso, a crise sanitária fez com que crianças e adolescentes ficassem cada vez mais expostos às telas, seja em aulas remotas (quando os estudantes tinham acesso devido à internet e as ferramentas necessárias para assistir as aulas), em jogos ou nas redes sociais (UNICEF, 2020). As tecnologias usadas são importantes, porém, os jovens estão cada vez mais expostos a riscos envolvendo cyberagressões, violência sexual on-line, preconceitos e ambientes geradores de danos emocionais.

Ainda que as violências, os preconceitos e os ambientes perigosos para as crianças e adolescentes tenham sido potencializados pelo isolamento social, tais problemas não tiveram seu início na pandemia. Alguns tipos de agressões virtuais não são novos, entretanto, nos chamam a atenção pelos potenciais riscos à integridade psicológica dos envolvidos.

Uma forma de violência caracterizada pelas formas de exposição na rede tem por nome *shaming*. Caracteriza-se pela “vergonha pública massiva” como o ato de humilhar ou causar uma vergonha pública ao outro de maneira virtual (DE VRIES, 2015).

O cyberstalking é o ato de “stalkear”, palavra que é comum na internet e que foi criada pelos internautas. A famosa série de suspense “You”, produzida pelo serviço de streaming Netflix e assistida por milhares de adolescentes, adultos e jovens, retrata, de forma escancarada, a forma como se dá este tipo de comportamento. Bozza (2022) caracteriza tais ações como o “ato de perseguir”, espionar" ou bisbilhotar as atividades e comportamentos de outras pessoas nas redes sociais, não caracterizando, portanto, violação grave à privacidade do indivíduo, mas indicando uma necessidade de acompanhar a vida alheia na internet”.

O *sexting* também é considerado uma cyber violência. Constitui-se nas situações em que há troca de imagens pessoais e íntimas por meio de dispositivos digitais. O mais grave é o compartilhamento em massa dos conteúdos, devido à grande exposição. A situação se torna

ainda mais complexa quando o *sexting* primário se torna secundário, ou seja, quando o compartilhamento passa a ser realizado sem a permissão ou o conhecimento do alvo, resultando em sofrimento diante da exposição de sua intimidade.

Autores como Del Rey *et al.* (2019) esclarecem duas categorias: *sexting* primário e secundário. No primeiro há o envio mútuo de imagens íntimas entre os adolescentes, sem que haja compartilhamento em massa. No segundo, as mídias são espalhadas, sendo enviadas para além do receptor pretendido.

É importante esclarecer que as violências na internet não estão necessariamente dissociadas do campo afetivo das vítimas (OMS, 2020), até porque os casos de violências sexuais na rede podem afetar crianças e adolescentes que nem sequer tenham acesso a um dispositivo eletrônico. É comum que adultos usem câmeras portáteis, celulares ou facilitadores de atividade sexual ou tenham exposição de canais digitais dentro de suas próprias casas.

Arelado ao *sexting*, a *pornografia de revanche* ou “Revenge Porn”, assim como o próprio nome já nos dá indícios, é o ato de humilhar e expor o outro nas redes por vingança. Camargo (2021) explicita que este tipo de violência abrange muito mais o sexo feminino, cerca de 90% dos casos expostos são contra mulheres. Segundo Gross (2019), foi apenas no ano de 2018 que o ato de expor imagens íntimas do outro na internet sem consentimento foi considerado crime pela Lei n. 13.718. Outra lei, embora não tão recente, caracteriza ações ilícitas na internet como crimes cibernéticos, a exemplo da Lei Carolina Dieckmann (BRASIL, 2012). Os expostos a essas violências sofrem de forma demasiada. No ano de 2013, duas adolescentes de 16 e 17 anos, ao terem imagens íntimas vazadas por seus companheiros nas redes sociais, cometeram suicídio (CAMARGO, 2021). Um outro caso foi o de uma garota que, ao ter suas fotos íntimas vazadas pelos amigos, teve que fazer uma brusca mudança em sua vida, como mudar o visual e afastar-se de seu trabalho, além de ter sido alvo de linchamento na internet após o ocorrido.

Uma pesquisa realizada com 14 mil meninas brasileiras, de 13 a 18 anos, pela Unicef (2019), aponta que o *sexting* faz parte da vida das adolescentes. Entretanto, elas afirmam não saberem como se proteger. Além disso, não têm apoio da família ou escola. Desta amostra, 35% afirmam já ter enviado fotos ou vídeos íntimos e mais de 70% já receberam imagens íntimas sem solicitar.

A *sextorsão* se caracteriza pela ameaça sobre a divulgação de imagens íntimas do outro ou pelo ato de forçar alguém a fazer algo, seja por sentimentos vingativos ou apenas pela intenção de humilhar e expor as vítimas. Outra violência ou forma de provocação é o *cyberteasing*. Através de Vandebosch e Cleemput (2008) e Bozza (2016), podemos conceituar

que este tipo de violência ocorre quando há envios de mensagens provocativas, entretanto, não há a intenção de causar danos aos outros.

O *cybergrooming* são ações impetradas por adultos que buscam conseguir a confiança de crianças ou adolescentes no intuito de conceber relações sexuais. Este termo também corresponde ao uso e à exposição de imagens íntimas de menores de idade (BOZZA, 2016). Dados do Safernet (2021) apontam que, em 2020, os números de denúncias contra pornografia infantil têm crescido de forma exponencial. Segundo o site, houve um aumento de 33,45% de denúncias em 2021 e entre janeiro e abril de 2021, cerca de 15.856 páginas com conteúdo de pornografia infantil foram imputadas ao site. O número apresenta um crescimento nas denúncias em relação ao mesmo período do ano passado. No primeiro ano de isolamento social, causado pela COVID-19, o site registrou mais de 98 mil denúncias anônimas de conteúdos de pornografia infantil.

Outro ato de expor alguém em redes sociais, segundo Silva (2021), se caracteriza como a *cultura do cancelamento*. O ato consiste em repulsar, repelir e “expulsar” um grupo ou uma pessoa nos meios virtuais de forma pública. A pessoa ou grupo perde, temporariamente ou não, sua influência ou fama, devido a ações que os internautas possam considerar inadequadas.

O *discurso de ódio*, segundo Silva *et al.* (2011), é o ato que visa discriminar e humilhar pessoas ou grupos, por sua raça, gênero, cor, religião ou nacionalidade. Possui, ainda, segundo o autor, a necessidade de segregar o outro. De acordo com a Safernet (2019), é preciso entender claramente que o exercício da liberdade de expressão, direito irrevogável das sociedades democráticas, não pode suplantar os princípios éticos de convivência social. É imprescindível que a expressão de pensamentos, ideias e opiniões seja exercida de maneira consciente e responsável, pois a liberdade de expressão está separada por uma linha tênue da integridade do outro.

Outros tipos de riscos a que crianças e adolescentes podem estar expostos nos ambientes virtuais são os jogos e desafios. O jogo da *Baleia Azul*, por exemplo, causou um grande susto na comunidade mundial. Os 50 desafios consistiam em: cortar a palma da mão com navalhas, escrevendo alguma sigla ditada pelo jogo; assistir vídeos ou filmes de terror que o curador indicaria durante a madrugada; fazer cortes grandes nos pulsos ou braços como um todo; subir em telhados altos durante a madrugada; dentre outros. O desafio de número 50 era “tire sua própria vida”.

Outro desafio tem por nome *jogo de estrangulação* (jogo mortal). O jogo trata-se de estrangulamentos voluntários e pode ser realizado individualmente ou em grupo. Ele abrange o público de 4 a 20 anos de idade. Os desafios consistem em hiperventilar de alguma forma, como

movimentar diversas vezes as pernas em busca de “grandes inspirações” “e, em seguida, bloquear a respiração com o uso de algum objeto, como lenço, cordas etc.”. A ideia é fazer uma forte compressão no pescoço. O jogo pode causar danos à saúde dos envolvidos e, também, levá-los a morte. No ano de 2016, um adolescente brasileiro de 13 anos faleceu ao participar do *jogo da asfixia*. O garoto foi desafiado a se enforcar, entretanto, não resistiu aos danos neurológicos causados pela falta de ar (OLIVA e PIRES, s/p).

Os jogos agressivos ou de agressão, nos quais há a presença de violência física de maneira intencional, também podem causar graves danos aos sujeitos. O rol consiste em realizar desafios e, de alguma forma, falar, ser surrado ou surrar os outros. O mais importante nesses desafios é o ato de registrar os ocorridos, ainda que por fotos ou vídeos, mas as provas são necessárias. É preciso que os pais ou responsáveis e educadores estejam atentos aos acessos das crianças e dos adolescentes para poder intervir em casos de riscos à integridade física e psíquica desses sujeitos.

## 2.4 Os preconceitos on-line

Todos os tipos de cyberagressões e crimes no âmbito virtual contam, também, com os preconceitos virtuais. Segundo Mercuri (2018), a internet serve como instrumento nas relações de poder, que podem integrar alguns e facilmente desprezar outros.

As formas em que os indivíduos usam para expressar atitudes e posicionamentos racistas, misóginos, xenofóbicos e homofóbicos, estigmatizam e diminuem as pessoas que fazem parte de um determinado grupo ao qual se destinam os ataques. Os estigmas procuram descaracterizar movimentos em busca de igualdade. Dito isso, Siedleski (2021) salienta que “desse modo, é posta em causa a igual dignidade da pessoa humana, valor básico, central e conformador de todo o ordenamento constitucional”.

Conforme pesquisa feita pela TIC Kids On-line Brasil, no ano 2019, 43% das crianças e dos adolescentes brasileiros entre 9 e 17 anos identificaram situações de discriminação nas redes sociais, e 7% da população dessa faixa etária afirmou ter se sentindo discriminada.

O Safernet Brasil mapeou por 15 anos (2006 a 2021), crimes de ordem racial e injúrias através dos Indicadores da Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos. O site recebeu e denunciou 241.446 denúncias de conteúdo racista, feitas de forma anônima, que envolveram 47.515 páginas na internet brasileira. Durante o mesmo período, 330.746 denúncias que tratavam de racismo foram recebidas e denunciadas pela Polícia Federal, escritas em 7 idiomas e 4.787 domínios diferentes em 59 países. O Safernet indicou ainda que a Secretaria



de Direitos Humanos recebeu, de forma anônima, 3.995 denúncias e a Central de Denúncias recebeu aproximadamente 589.978 denúncias racistas em 5 continentes diferentes. Tais informações nos oferecem uma dimensão de quantas pessoas são agredidas e sofrem virtualmente.

O racismo na internet, segundo Silva (2019), vai além de casos de demonstrações de ódio em função da origem ou cor de pele, mas se refere a um sistema que privilegia os brancos e é intrínseco às dimensões histórica, social, política e cultural. Trata-se, portanto, de uma estrutura social. O autor salienta que

a manutenção e reprodução dos privilégios da branquitude partindo de uma centralidade evocativa à Europa se ligaram histórica e economicamente à dominação colonial e neocolonial, com desdobramentos da ciência à tecnologia, mas sempre através da evitação ao debate sobre raça (SILVA, 2019, n.p.).

No que tange às discussões sobre preconceitos relacionados ao gênero, há um termo que se caracteriza como misoginia. O termo concentra-se em uma visão sexista e é uma maneira de demonstrar aversão às mulheres, além de colocá-las como inferiores aos homens.

No ano de 2018, a Lei n. 10.446, de 8 de março de 2002, explicita como ato criminoso qualquer forma de crimes praticados na internet, seja de ordem nacional ou mundial, que incitam conteúdos misóginos. A Lei foi alterada em abril de 2018 e acrescentou que a investigação de tais crimes praticados são atribuídos à Polícia Federal. Embora a lei tenha sido instituída, a misoginia não diminui na internet. Voltemos aos dados dos Indicadores da Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos, agora em relação à mulher, abarcados no site do Safernet Brasil em um período de 15 anos. A própria página recebeu, de forma anônima, 35.416 denúncias de violência ou discriminação contra a mulher em 35 países. Reportando-se aos dados da Secretaria de Direitos Humanos, foram processadas 8.157 denúncias em 17 países.

Vale salientar que não só as redes sociais servem de “palco” para tais violências. Os fóruns on-line, como Reddit ou 4chan, estão, cada vez mais, se tornando lugares que incitam o ódio e a violência. Um tipo de subcultura advinda de fóruns on-line que incentivam à violência contra mulheres é denominado *Incels* ou Celibatários Involuntários, que podem surgir através de grupos ativos de direitos masculinos. Braga (2021) explicita as características mais ativas de tal cultura

homens tímidos, com dificuldades confessas de estabelecer conexões sociais, se agrupam em comunidades *on-line* para compartilhar experiências em comum. As comunidades surgiram sob a alcunha do termo *incel* ainda nos anos 1990, como um grupo de apoio em que seus membros falariam sobre

suas crises pessoais, como a timidez, baixa autoestima e solidão. Como veremos adiante, elas se transformaram em um ambiente perigoso, dominado por preconceitos de toda ordem. A misoginia funciona como um líquido tóxico, que se espalha e estimula outros tipos de ódio (BRAGA, 2021, p. 12).

Em 7 de abril de 2011, na cidade Realengo – RJ, um rapaz de 23 anos chamado Wellington, portando duas armas de fogo, invadiu uma escola municipal onde estudou quando mais jovem, e matou 12 crianças, dentre elas, 10 meninas. Tudo indica que o crime foi planejado e instigado no submundo dos fóruns on-line, que culminou com seu suicídio após cometer os homicídios, o que o fez ter um status de herói nesse universo virtual. Segundo Neto (2019), dentre as características dos protagonistas dessas formas de violência, há algumas que são comumente parecidas. Existem nuances de raiva, frustração e mágoa que se caracterizam nos meneios de *acting out* (ação impulsiva) de uma virilidade ferida. Wellington, ao premeditar sua morte, deixou uma carta com indícios de pertencer aos *Incels*. O site de notícias G1 expôs a carta na íntegra e, aqui, citaremos uma parte

primeiramente deverão saber que os impuros não poderão me tocar sem luvas, somente os castos ou os que perderam suas castidades após o casamento e não se envolveram em adultério poderão me tocar sem usar luvas, ou seja, nenhum fornicador ou adúltero poderá ter um contato direto comigo, nem nada que seja impuro poderá tocar em meu sangue, nenhum impuro pode ter contato direto com um virgem sem sua permissão, os que cuidarem de meu sepultamento deverão retirar toda a minha vestimenta, me banhar, me secar e me envolver totalmente despido em um lençol branco que está neste prédio, em uma bolsa que deixei na primeira sala do primeiro andar, após me envolverem neste lençol poderão me colocar em meu caixão (OGLOBO, 2011, n.p.).

Sibilia (2012, p. 158) nos alerta sobre a “espetacularização” nestes atos violentos e que “o desejo de obter fama costuma marcar esse fenômeno que, nos casos mais extremos, constituem todo um gênero: o assassinato em massa seguido por suicídio, com manifestos filmados que expõem motivos do fato segundo seus protagonistas”. Em concordância com a autora, La Taille (2016, p. 37) usa o termo “cultura da vaidade” e explica que nessa cultura há “frivolidade” e “superficialidade”, ou seja, as aparências importam mais do que o conteúdo interno do sujeito. Descreve, de igual modo, que o “vaidoso cuida sobremaneira do espetáculo que quer dar de si” e, dessa forma, o sujeito se agarra em uma “ilusão” e em coisas provisórias.

O autor explica que a

vaidade: [é] o extremo peso de se pensar como eterno “perdedor”, dor da invisibilidade, vergonha, procura de associar a si próprio valores reconhecidos pela sociedade do espetáculo, ignorância da moral. E negação extrema de outrem, até o crime. Não deve passar despercebido que vários desses jovens assassinos e suicidas deixaram, antes de seu trágico ato, imagens de si na

internet carregando as armas que usariam contra os outros e contra si próprios. Sabiam que seriam, finalmente, olhados [...] (LA TAILLE, 2016, p. 40).

Embora tenhamos citado os crimes e massacres premeditados pelos Incels, bem como explicitado algumas formas de designar a violência contra a mulher, há inúmeros aspectos com o qual devemos nos preocupar, dentre eles, os demais ambientes tóxicos em que pessoas, de forma anônima ou não, destilam discursos de ódio aos outros. Segundo Breitenbach e Dabull (2018), as formas de humilhação contidas na internet deixam feridas profundas nas vítimas, a ponto de suceder casos de depressão, isolamento e, em situações extremas, em que a angústia não é sanada ou resolvida, o possível suicídio.

Conforme os dados e pesquisas explicitados no decorrer deste capítulo, é notório que a internet possui ambientes que incitam comportamentos agressivos e oferecem risco aos adolescentes e aos diversos usuários. Logo, como aponta Levy (2019), esse espaço pode ter efeitos nocivos na formação do psiquismo.

## 2.5 Estratégias de bem-estar na internet

Todas as formas de cyberagressão e violências nas mídias digitais aqui expostas mostram a necessidade dos estudos sobre ações em prol do bem-estar na internet. Ademais, considerando o que Aberastury (1983, p. 29) nos traz, a adolescência é "o momento mais difícil da vida do homem", envolvendo muita instabilidade. Tal consideração nos dá a ideia do quanto adolescentes e jovens são vulneráveis aos “atrativos” perigosos que advém da internet.

Em busca de favorecer o bem-estar na internet, a empresa internacional *Microsoft*, que desenvolve e vende softwares de computadores, além de eletrônicos e até mesmo serviços pessoais, criou o termo *Civilidade Digital*.

Segundo a empresa, o termo consiste em ter uma convivência virtual respeitosa e digna de todos os usuários on-line. A empresa, então, se propôs a investigar o Índice Global de Civilidade Digital – ICD, em busca de mapear a incidência dos comportamentos agressivos ou, como nomeiam, incivis, na internet. As investigações também tiveram início no ano de 2016 e são publicados, geralmente, no Dia da Internet Segura, comemorado mundialmente em 9 de fevereiro, e consiste em um movimento que visa a mobilização de empresas, ONGs e órgãos governamentais com a missão de tornar o ambiente digital mais saudável e seguro. Em um comentário, Abdala Neto, diretor de políticas públicas da empresa, salienta:

o objetivo desta pesquisa é aumentar a conscientização sobre os riscos que nós, como usuários, enfrentamos na Internet e, ao mesmo tempo, promover

ferramentas que nos permitam coexistir num ambiente digital seguro. A ideia é que as pessoas possam se proteger e melhorar suas práticas on-line. Queremos compartilhar o que estamos aprendendo para que, como sociedade, possamos entender que ações de empatia, respeito e colaboração têm um impacto positivo e preventivo contra comportamentos de risco no mundo virtual (NETO, 2020).

O compromisso e desafio propostos pela Microsoft para os países e consumidores, citado no site da empresa por Beauchere (2021, n.p.), baseiam-se em:

1. **Viva a Regra de Ouro** agindo com empatia, compaixão e bondade em todas as interações, e trate todos com quem você se conecta on-line com dignidade e respeito.
2. **Respeite as diferenças**, honre perspectivas diversas e quando as discordâncias surgirem, envolvam-se cuidadosamente e evitem xingamentos e ataques pessoais.
3. **Refleta antes de responder** a coisas que você discorda, e não poste ou envie algo que possa machucar outra pessoa, danificar uma reputação ou ameaçar a segurança de alguém.
4. **Defenda você mesmo e os outros** apoiando aqueles que são alvos de abuso ou crueldade, relatando atividades agressivas e guardando evidências de comportamento inadequado ou inseguro.

No ano de 2016, em proporção global, o ICD chegou a 70%, o que representou, segundo a empresa, a taxa mais alta da ausência de Civilidade Digital. As Incivildades on-line mais aparentes na investigação foram vinculadas aos tópicos da aparência física e da orientação sexual. Neste ano, após anunciar os índices, a empresa fez um convite para todos os seus consumidores mundiais assumirem o Desafio da Cidadania Digital, tendo como princípio aprender mais sobre os riscos na internet.

No ano de 2019, o Brasil atingiu 72% do Índice de Cidadania Digital (DCI), sendo o 15º colocado dos 25 países estudados. Isso representou um alto índice de Incivildade Digital no país. A investigação contou com 502 brasileiros, com idades de 13 a 74 anos. Os riscos mais aparentes foram, segundo a empresa, contatos indesejáveis, *sexting*, diversas formas de golpes, assédio moral e sexual. Em relação ao que mais tem gerado conflitos on-line, estão os assuntos políticos, a orientação sexual, a aparência física e a raça. Aproximadamente 71% dos adolescentes e jovens estiveram em situações de risco na internet e 78% afirmaram ter sofrido com os riscos a que foram expostos (MICROSOFT, 2020).

Dados da pesquisa no ano de 2020 explicitam que aproximadamente 67% dos riscos na internet caíram mundialmente, o que significa três pontos a menos em comparação com o ano anterior, o que pode ser em decorrência dos desafios da COVID-19. Entretanto, o cyberbullying foi o que mais afetou adolescentes e jovens em escala global. Cerca de 26% dos brasileiros

participantes afirmou que a civilidade digital foi melhor durante o isolamento. Todavia, em relação aos riscos e danos on-line, a figura abaixo demonstra quais foram as formas mais dolorosas (MICROSOFT, 2020).

**Figura 2** – Ameaças on-line mais dolorosas, segundo os brasileiros (2020)



**Fonte:** Website da Microsoft por captura de tela

No ano de 2021, 11.067 pessoas foram entrevistadas para dar continuidade à pesquisa anual do Índice de Civilidade Digital.

Alguns dados disponibilizados através do site de notícias da empresa indicam que 17% dos sujeitos afirmaram que as boas práticas de civilidade on-line melhoraram, mas 30% foram contra essa afirmação. A empresa expressou, através de sua rede, que espera que os acontecimentos “infelizes” que a sociedade atravessou sirva para ajudar nas construções de “laços positivos” na internet e de forma presencial (BEAUCHERE, 2021).

Dados da TIC Kids On-line (2021) apontam que a população de 11 a 17 anos buscou informações sobre saúde e bem-estar. Segundo a pesquisa, aproximadamente 32% dos respondentes afirmaram ter buscado auxílio na internet para lidar com algo ruim que viveram ou para falar sobre suas emoções. A busca por apoio emocional foi de 46% entre os jovens de 15 e 17 anos, 28% de 13 e 14 anos e 15% eram crianças de 11 a 12 anos.

As autoras Scavacini e Noal (2021) explicitam que houve um avanço nos atendimentos virtuais e no acesso a tratamentos e descreveram as campanhas e sites voltados à saúde mental:

- A campanha #emcasacomsaude, disponível no Instagram do Instituto Vita Alere;
- A campanha #juntosnainternet, sobre jogos e desafios perigosos, disponível na Safernet Brasil e no Instituto Vita Alere;
- Aumento do interesse e das buscas sobre saúde mental;

- Lançamento do *site* Mapa Saúde Mental, que reúne locais de atendimento virtual e presencial na pandemia;
- Curso *on-line* sobre pandemia e saúde mental da Fiocruz;
- Campanha Meninas em Rede, da Safernet Brasil;
- Lançamento do canal Pode Falar, do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), para apoio de adolescentes;

## 2.6 Ajuda on-line: as redes de apoio na internet

Em 2015, o governo brasileiro divulgou um canal exclusivo para as vítimas do âmbito virtual, o Humaniza Redes. O programa tem como objetivo receber denúncias de casos que violam os direitos humanos na internet, como: xenofobia, homofobia, pornografia infantil, racismo, violência, neonazismo, discriminação contra a mulher, crimes contra a vida e tráfico de pessoas. Com relação a denúncias de cyberbullying, o Humaniza Redes designou uma parceria com a Safernet para que pessoas em sofrimento possam ser atendidas por profissionais especializados, como psicólogos.

É possível contar, também, com o apoio de outros canais de ajuda. No quadro abaixo, descrevemos alguns.

**Quadro 1** – Canais de prevenção e combate à violência on-line e ao sofrimento e de apoio as vítimas

<p><b>SAFERNET BRASIL</b> - Órgão diretamente ligado à defesa dos Direitos Humanos na Internet no Brasil. O site conta com um “HELPLINE” que serve de ajuda e orientação para os casos de violência na internet. Este órgão contempla várias iniciativas, uma delas é NÉTICA, que conta com materiais voltados para adolescentes e educadores. É um portal com o objetivo de promover o uso consciente e ético da Internet no Brasil e para compartilhamento de materiais educativos, vídeos, fotos, eventos, artigos e pesquisas.</p>	<p><b>SITE:</b> <a href="https://new.safernet.org.br">https://new.safernet.org.br</a></p> <p><b>Informações às famílias:</b>  <a href="https://new.safernet.org.br/content/mais-tempo-line-mais-mediacao-parental">https://new.safernet.org.br/content/mais-tempo-line-mais-mediacao-parental</a></p>
<p><b>INSTITUTO VITA ALERE</b> - Instituto de Prevenção e Posvenção do Suicídio que possui especialistas que trabalham com a prevenção do suicídio e com o processo de luto. Além disso, o instituto contém produção literária e materiais disponíveis ao público em seu site.</p>	<p><b>SITE:</b> <a href="https://vitaalere.com.br">https://vitaalere.com.br</a></p>
<p><b>CVV</b> – Centro de Valorização da Vida, que realiza apoio emocional e prevenção do suicídio, atendendo voluntária e gratuitamente todas as pessoas que querem e precisam conversar, sob total sigilo por telefone, e-mail e bate-papo 24 horas todos os dias.</p>	<p><b>SITE:</b> <a href="https://www.cvv.org.br">https://www.cvv.org.br</a>  <b>TELEFONE:</b> 188</p>
<p><b>CENTRAL DE SEGURANÇA – GOOGLE</b></p>	<p><b>SITE:</b> <a href="https://safety.google/intl/pt-BR/security/">https://safety.google/intl/pt-BR/security/</a></p>

<p><b>INTERNET SEGURA – NIC.br</b> – O site contempla vários materiais de apoio para educadores, adolescentes e pais sobre o uso seguro da internet.</p>	<p><b>SITE:</b> <a href="https://internetsegura.br">https://internetsegura.br</a></p>
<p><b>CHILDHOOD BRASIL</b> - A Childhood Brasil é um braço da World Childhood Foundation (Childhood) e trabalha pela proteção da infância contra o abuso e a exploração sexual. Com esse foco, a organização desenvolve programas próprios de abrangência regional ou nacional e apoia projetos em diferentes localidades.</p>	<p><b>SITE:</b> <a href="https://www.childhood.org.br">https://www.childhood.org.br</a></p> <p><b>SITE:</b> <a href="https://www.unicef.org/brazil/internet-sem-vacilo">https://www.unicef.org/brazil/internet-sem-vacilo</a></p>
<p><b>MOVIMENTO FAMÍLIA MAIS SEGURA</b> – O Movimento é uma ação de responsabilidade social digital com foco educacional que visa orientar mais os usuários de tecnologia sobre as regras e leis aplicáveis a atual vida digital que temos na Sociedade do Conhecimento. É um projeto de iniciativa da ABA, idealizado por <b>Patrícia Peck Pinheiro Advogados</b> e administrado <b>pelo I-START</b>.</p>	<p><b>SITE:</b> <a href="http://www.familiamaissegura.com.br">http://www.familiamaissegura.com.br</a></p>
<p><b>NETHICS EDUCAÇÃO DIGITAL</b> – Empresa voltada a educação de crianças, jovens e adolescentes sobre o uso ético e seguro da Internet, com o objetivo de firmar e inspirar comportamentos positivos e saudáveis na interação com as tecnologias da informação e comunicação.</p>	<p><b>SITE:</b> <a href="https://www.nethicsedu.com.br">https://www.nethicsedu.com.br</a></p>
<p><b>REDE E.S.S.E MUNDO DIGITAL</b> – Projeto do Centro de Estudos Integrados Infância, Adolescência e Saúde - CEIIAS - e tem como objetivo promover debates sobre como transformar o mundo digital numa fonte mais Ética, Segura, Saudável e Educativa.</p>	<p><b>SITE:</b> <a href="https://www.essemundodigital.com.br">https://www.essemundodigital.com.br</a></p>

**Fonte:** Construído pela autora

## CAPÍTULO 3 – ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Adolescentes e jovens estão cada vez mais conectados à internet. Alguns deles ficam horas e horas a frente de um celular, computador ou videogame e, muitas vezes, os ambientes por onde navegam podem passar despercebidos pelos pais/responsáveis. Por serem mais vulneráveis nesse período da vida, como abordamos na parte teórica deste trabalho, os estudantes podem não conseguir distinguir os riscos ou efeitos nocivos de certos espaços cibernéticos e ser suscetíveis às influências externas em que não se dão conta, por não possuírem um olhar crítico suas interações virtuais. Portanto, buscamos investigar quais as percepções dos adolescentes sobre preconceitos, quais seus interesses e medos na internet. Optamos por uma pesquisa de caráter descritivo (FONSECA, 2002; GIL, 2007; LAKATOS; MARCONI, 2010) e conduzida por meio de análise qualitativa com poucos dados quantitativos. No que se refere aos conceitos metodológicos das pesquisas (método e técnica), Cervo e Bervian (2022, p. 26) nos explicitam que “o método se concretiza como o conjunto das diversas etapas ou passos que devem ser dados para a realização da pesquisa”.

Quanto aos dados qualitativos, Minayo (2001, p. 21) nos explica que o método “responde à questão muito particulares”. A autora ainda afirma que a pesquisa qualitativa

trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2001, p. 21).

Além disso, Goldenberg (2000) explica que os métodos de pesquisas qualitativas evidenciam especificidades de um fenômeno e o significado um determinado grupo pesquisado e permite ao pesquisador elucidar questões fundamentais sobre o tema. Isto posto, buscamos responder quatro objetivos específicos:

1. Identificar os temas de interesse dos adolescentes na internet;
2. Descrever o acesso à internet e os meios de acesso dos adolescentes;
3. Identificar a percepção dos adolescentes referente aos preconceitos e ambientes tóxicos na internet;
4. Conhecer a percepção dos riscos on-line e seus medos.

### 3.1 Instrumento de investigação

Com a finalidade de atingir os objetivos da pesquisa, o instrumento foi construído como um questionário, dividido em duas partes, sendo uma de perfil e a outra sobre a convivência



virtual, com perguntas fechadas e abertas, preenchido na versão on-line através de um formulário no *Google Forms*.

O questionário é composto por um total de 32 itens. A primeira parte do instrumento foi composta por 14 itens que compõem o perfil dos estudantes, com questões diversas – nome, idade, gênero, nome da escola que frequenta, cidade onde fica a escola, ano, turma, período em que estuda, cor da pele, quem é o principal responsável por você e sua casa, atividade do responsável, se possui computador/notebook, se possui celular próprio e onde costuma acessar a internet com maior frequência (via *Wi-Fi* ou rede móvel do celular). As demais 18 questões foram compostas em busca de entender como se dá a convivência virtual dos adolescentes, com questões sobre – situações que viveram nos último três meses relacionados a cyberagressões, percepções sobre seus contatos com preconceitos, discursos de ódio e ambientes tóxicos e os locais que puderam ou não ter vivenciado tais situações. Além, ainda, de conter questões sobre suas percepções em relação ao que a internet traz de bom ou ruim para suas vidas. Dentre todos os itens, para responder aos objetivos da pesquisa, usaremos os dados de perfil e as questões 9, 11, 12, 13, 15, e 21 para as questões de convivência nos ambientes virtuais.

Salientamos que os procedimentos adotados neste estudo obedecem aos critérios da ética nas pesquisas com seres humanos, conforme resolução no 510/16 do Conselho Nacional de Saúde e não oferecem riscos à dignidade ou à integridade física dos participantes. Foi garantido, também, aos participantes que as informações obtidas por meio da pesquisa são confidenciais e seus dados pessoais não serão divulgados, de forma a impossibilitar suas identificações.

### **3.2 Amostra e lócus da pesquisa**

A amostra da pesquisa foi intencional e por conveniência, contando com a participação de 89 estudantes de uma instituição de ensino particular do estado de São Paulo. O colégio em questão não será identificado para proteger as descrições sensíveis aqui explicitadas. A escola de porte médio atua há mais de 40 anos atendendo alunos dos Anos iniciais (1º a 5º ano) e Anos finais (6º a 9º ano). Funciona nos turnos da manhã e tarde e possui cerca de 500 alunos. O bairro em que a escola está localizada é considerado de classe média da região.

O instrumento foi aplicado em um contexto de uma disciplina ministrada como parte de um projeto institucional de bem-estar e prevenção às violências interpessoais e intrapessoais, ligadas a situações cotidianas no espaço escolar e no espaço virtual em que os estudantes pudessem se encontrar. As aulas abordavam temas como: questões de gênero, machismo,

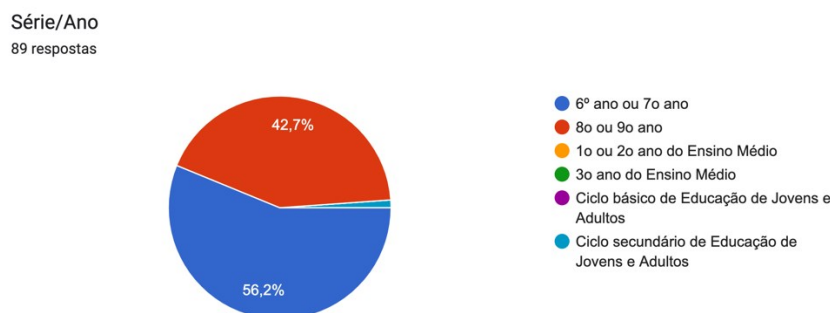
discussões de casos hipotéticos em busca de discutir sobre ética, assuntos políticos e demais temas de contexto real dos estudantes, além de promover assembleias de classe. As aulas aconteciam durante vez na semana com o tempo de cinquenta minutos com cada ano do colégio (2º a 9º ano).

O questionário foi disponibilizado aos estudantes em uma atividade pedagógica com tema de “convivência virtual”. A atividade foi realizada após uma pequena introdução e discussão em uma roda de conversa sobre como os adolescentes percebem seus comportamentos e de outros na internet. Em seguida, os estudantes responderam às questões usando os seus celulares e dados móveis, previamente autorizados pela professora e pela gestão escolar. A aplicação do questionário foi feita através de um link disponibilizado pelo *Google Forms* e levou cerca de 35 minutos.

### 3.3 O perfil dos estudantes

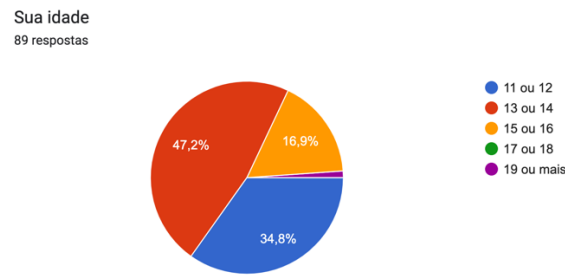
Entre os participantes do estudo, 56,2% encontravam-se no 6º e 7º ano e 42,7% no 8º e 9º ano dos anos finais. De forma equivocada, 1,1% assinalaram ser do ciclo secundário de Educação de Jovens e Adultos, o que não confere, já que a escola não oferta educação para jovens e adultos, conforme gráfico a seguir.

**Figura 3 – Gráfico: Série/Ano**



**Fonte:** Elaborado pela autora

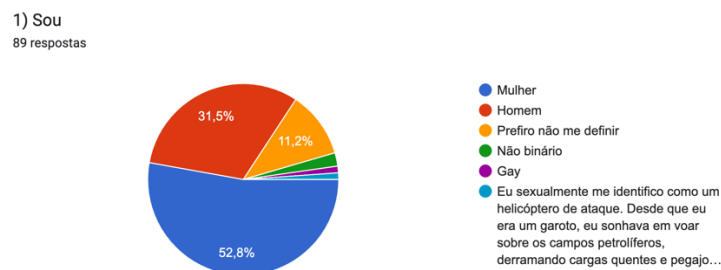
Destes estudantes, 47,2% possuem 13 ou 14 anos de idade, 34,8% declaram ter entre 11 e 12 anos, 16,9% 15 ou 16 anos e 1,1% afirmaram ter 19 anos ou mais, de maneira incorreta, pois estão devidamente na faixa etária dos anos finais e 98,9% encontram-se matriculados no período da manhã, de acordo com o gráfico a seguir.

**Figura 4 – Gráfico: Sua idade**

**Fonte:** Elaborado pela autora

No que diz respeito ao gênero, 52,8% dos estudantes são do sexo feminino, 31,5% do sexo masculino e 11,2% preferiram não se definir. Chamou nossa atenção o fato de que os estudantes criaram categorias para gênero (não binário e gay). Dentre eles, 2,2 consideram-se não binários, 1 aluno(a) se identifica como gay e 1 criou uma própria categoria, que ao ser pesquisada pela autora, foi encontrada no *Twitter* e é considerada como um *meme* transfóbico criado durante um jogo em 2014 e que se espalhou pelo fórum *Reddit*,

Eu me identifico sexualmente com um Helicóptero de Ataque. Desde menino, tenho sonhado em voar sobre campos de petróleo, lançando cargas pegajosas e ferventes contra estranhos horríveis. As pessoas me dizem que é impossível uma pessoa ser um helicóptero e que sou um retardado, mas não me importo, sou lindo. Mandeí um cirurgião plástico instalar lâminas rotativas, canhões de 30 mm e mísseis AMG-114 Hellfire em meu corpo. De agora em diante, quero que você me chame de "Apache" e respeite meu direito de matar do céu e matar sem justa causa. Se você não me aceitar, você é um helifóbico e terá que desconstruir seu privilégio de veículo. Obrigado pela sua compreensão. (Categoria de gênero criada por um aluno(a) da pesquisa).

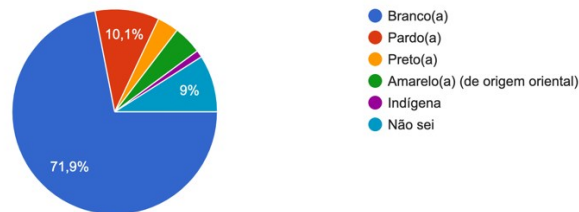
**Figura 5 – Gráfico: Sou**

**Fonte:** Elaborado pela autora

No que se refere à raça, 71,9% dos estudantes se autodeclararam brancos(as), 10,1% pardos, 9% não sabem se autodeclarar, 4,5 se declaram amarelos(as) de origem oriental e 3,4% se autodeclararam pretos(as), conforme a figura a seguir.

**Figura 6 – Gráfico: Como você se considera?**

2) Como você se considera?  
89 respostas

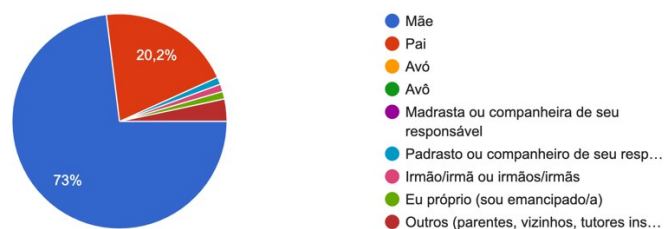


**Fonte:** Elaborado pela autora

Sobre o principal responsável por eles em suas casas, 73% afirmaram ser a mãe, 20,2% o pai, 3,4% outros (parentes, vizinhos, tutores, tutores institucionais), 1,1% afirmam que seus responsáveis são madrasta ou companheira de seu responsável, padrasto ou companheiro de seu responsável, irmão/irmã ou irmãos/irmãs e o próprio indivíduo.

**Figura 7 – Gráfico: Quem é o principal responsável por você em sua casa?**

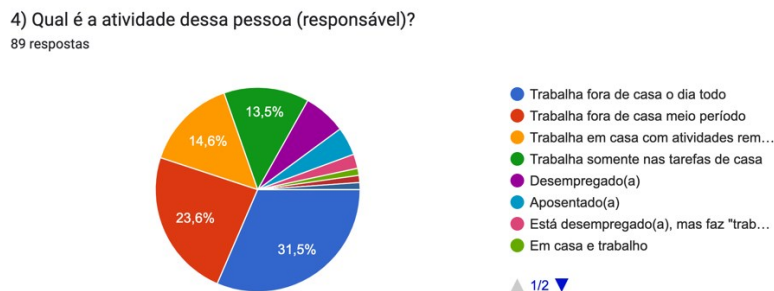
3) Quem é o PRINCIPAL RESPONSÁVEL por você em sua casa?  
89 respostas



**Fonte:** Elaborado pela autora

Na atividade do responsável pela casa, 31,5% afirmam que trabalham fora de casa o dia todo, 23,6% trabalham fora de casa por meio período, 14,6% trabalham em casa com atividades remuneradas, 13,5% trabalham apenas com as atividades de casa, 6,7% estão desempregados, 4,5% são aposentados e 2,2% estão desempregados, mas fazem trabalho eventuais.

**Figura 8 – Gráfico: Qual a atividade dessa pessoa (responsável)?**

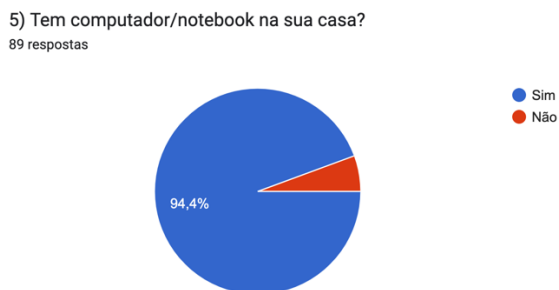


Fonte: Elaborado pela autora

### 3.4 Acesso à internet e os meios de acesso dos adolescentes

Os estudantes responderam às questões de perfil que nos levaram a identificar como e através de que meio se dão seus acessos à internet. Os dados nos informam que 94,4% possuem computadores/notebooks em suas casas, como nos mostra a figura a seguir.

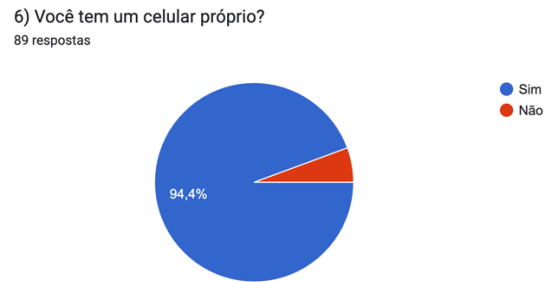
**Figura 9 – Gráfico: Tem computador/notebook na sua casa?**



Fonte: Elaborado pela autora

Semelhante a pergunta anterior, foi possível constatar que a maioria dos estudantes possuem celular próprio (94,4%), conforme o gráfico a seguir.

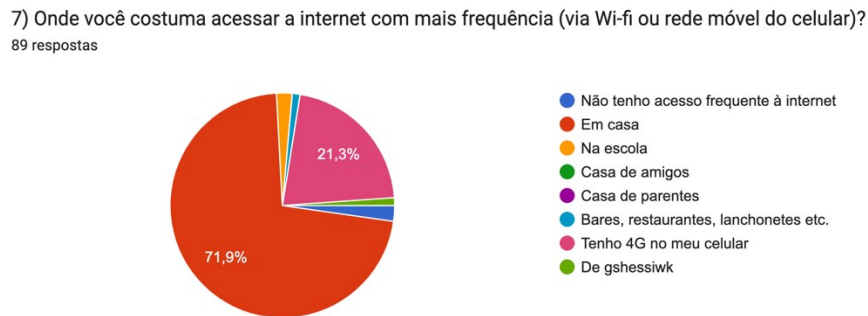
**Figura 10** – Gráfico: Você tem um celular próprio?



**Fonte:** Elaborado pela autora

A maioria dos estudantes acessam a internet de casa (71,9%) e apenas 2,2% não possuem acesso frequente à internet, evidenciado no gráfico a seguir.

**Figura 11** – Onde você costuma acessar a internet com mais frequência?



**Fonte:** Elaborado pela autora

Embora os dados do IBGE (2019) nos indiquem que, de 2018 para 2019, a utilização da internet tenha subido de 79,1% para 82,7%, cerca de 40 milhões de estudantes da rede pública não possuíam acesso à internet naquele ano. Além disso, 26,2% consideravam caro possuir o acesso. A mesma pesquisa aponta que 81,8% dos alunos de redes de ensino privada acessavam a internet utilizando o computador, mas na rede pública esse número se reduzia a 43,0%. Tais dados nos mostram que a realidade brasileira não condiz com o que encontramos em nosso recorte de pesquisa. Ainda segundo os dados do IBGE (2019), os alunos da rede privada usam mais a internet do que a rede pública, totalizando 98,4% contra 83,7%.

Segundo dados do TIC Educação, no ano de 2019, 39% dos estudantes brasileiros de escolas públicas urbanas não possuíam computador ou tablet em casa. Dados da TIC Domicílio feita no Brasil no ano de 2020 apontaram que entre os domicílios sem acesso, 28% consideram o serviço caro e 20% desconhecem o uso da internet.

**Figura 12 – Dados TIC Educação**



**Fonte:** TIC DOMICÍLIOS (2020)

A partir de tais dados, concordamos com Gusso *et al.* (2020) que destacam o problema da situação socioeconômica de famílias no Brasil e sua complexidade, através de uma reportagem conduzida no Brasil sobre a falta de acesso de alunos brasileiros que não possuem internet e computadores.

Ademais, o contexto pandêmico causado pela COVID-19 escancarou as desigualdades que afetaram a vida de milhares de pessoas e dos possíveis familiares destes estudantes que foram atingidos pelo desemprego no país, o que nos é evidenciado a partir de pesquisas atuais (ITAUI; MAINARDES; GOMES, 2021).

No que se refere às diversas desigualdades no ambiente digital e aos tempos pandêmicos, a pesquisa TIC Domicílios (2021) também nos traz dados significativos sobre os fatos no Brasil. A investigação explicita que 67% das mulheres negras acessaram a internet apenas pelo telefone celular, número muito maior em relação aos homens brancos (42%). No que concerne à realização de transações financeiras (37%), ao uso de serviços públicos (31%) e aos cursos (18%) através da internet, os dados evidenciam que as proporções foram inferiores aos homens brancos (51%, 49% e 30%). A pesquisa demonstra as diversas camadas da desigualdade e suas implicações no que diz respeito às oportunidades digitais nas diferentes camadas da população e é um ponto de atenção para nossa investigação.





importante na contribuição para sujeitos criativos, para a diversidade e para expressões de cultura. Dessa forma, é necessário que as oportunidades de acesso às culturais on-line sejam garantidas a todos (ONU, 2021).

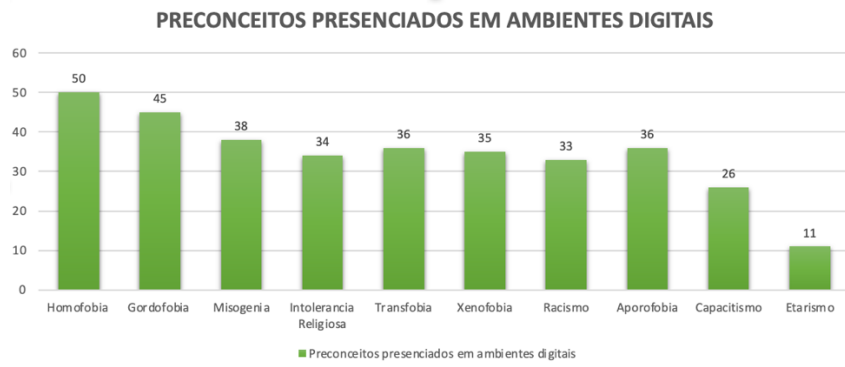
### **3.6 Percepção dos adolescentes referente aos preconceitos e ambientes tóxicos na internet**

Por meio das questões 9 e 11 (Nos últimos seis meses você presenciou alguma pessoa próxima de seu círculo familiar, de amizades ou colegas, sofrer algum tipo de preconceito nos ambientes digitais?); (Nos últimos seis meses você sofreu algum tipo de preconceito nos ambientes digitais?), buscamos identificar como os adolescentes percebem os preconceitos na internet e utilizamos a questão 12 (Local(is) onde tais atitudes foram presenciadas e/ou vivenciadas) e a questão número 13 para identificar em quais ambientes ocorrem, os quais consideramos como tóxicos.

#### **3.6.1 Preconceitos presenciados**

Quando perguntados se presenciaram alguma pessoa de seu círculo pessoal sofrer algum tipo de preconceito em ambientes digitais nos últimos seis meses anteriores à pesquisa, 33 dos adolescentes responderam que presenciaram ações racistas. No que tange aos preconceitos contra a mulher (*misoginia*), 38 adolescentes assinalaram que presenciaram uma e mais de uma vez, a *homofobia* (preconceito em relação a pessoas que sentem atração pelo mesmo sexo ou gênero, ou percebidas como tal) foi a que mais pontuou (50) quando somados os que presenciaram uma vez e mais de uma vez o tipo de preconceito na internet. Atitudes *transfóbicas* (preconceito contra pessoas transgênero) corresponderam a 36 dos adolescentes.

A presença de *gordofobia* (preconceito contra pessoas gordas) também nos chamou atenção, com os números ficando próximos aos de atos homofóbicos, com 45 dos estudantes presenciando; 36 adolescentes presenciaram *aporofobias* (preconceito contra pessoas pobres); 35 *xenofobias* (preconceitos contra estrangeiros ou pessoas de outras regiões); 26 preconceitos *capacitistas* (preconceitos contra pessoas com alguma deficiência); 11 *etaristas* (preconceito contra pessoas mais velhas); e 34 presenciaram *intolerância religiosa*, como constamos no gráfico a seguir.

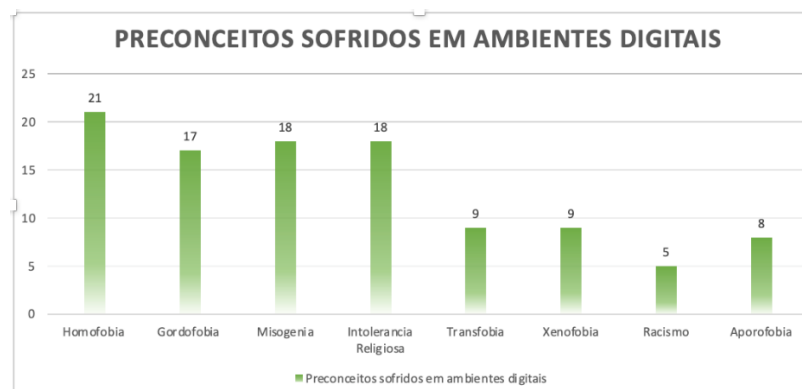
**Figura 14 – Preconceitos presenciados em ambientes digitais**

**Fonte:** Dados da pesquisa

No ano de 2019, dados da pesquisa CETICBR (2019) explicitam que 43% das crianças e adolescentes respondentes haviam presenciado alguém ter sido vítima de algum tipo de preconceito. DE PAULO (2022) nos alerta que os adolescentes conseguem perceber os preconceitos e discriminações sofridos por terceiros, mas que “uma parcela de adolescentes tem dificuldade em dizer que sofreram algum tipo de preconceito nas redes sociais”.

### 3.6.2 Preconceitos nos ambientes digitais sofridos pelos adolescentes

No tocante aos preconceitos sofridos pelos próprios adolescentes em ambientes digitais, 21 afirmam que sofreram situações homofóbicas, 17 sofreram gordofobia uma ou mais de uma vez e 18 vivenciaram preconceito por serem mulheres e a mesma quantidade sofreram intolerância religiosa. Além disso, 9 adolescentes afirmaram terem sofrido transfobia e o mesmo número vivenciaram a xenofobia. Ações racistas foram apontadas por 5 estudantes e aporofóbicas por 8.

**Figura 15 – Preconceitos sofridos em ambientes digitais**

**Fonte:** Dados da pesquisa

O pequeno número de adolescentes que sofreram com atitudes racistas nos ambientes virtuais em nossa pesquisa pode estar relacionado ao pequeno grupo de alunos e alunas negras na escola, que compõe um número baixo comparado aos alunos brancos da instituição.

Nossos dados que indicam preconceitos e discriminações são baixos se comparados ao da pesquisa CETICBR (2019). Segundos os dados da investigação, 7% dos estudantes afirmaram ter sofrido algum tipo de preconceito na internet nos 12 meses anteriores à coleta da pesquisa. Autores como Smahel *et al.* (2020), nos trazem dados de que, na maioria dos países, cerca de 20% de crianças e adolescentes foram vítimas de diversos tipos de preconceito na internet e fora dela.

Os preconceitos e discriminações sofridos em ambientes digitais, segundo Neves (2020), podem favorecer os distúrbios das imagens dos adolescentes elevar ao TDC – Transtorno Dimórfico Corporal.

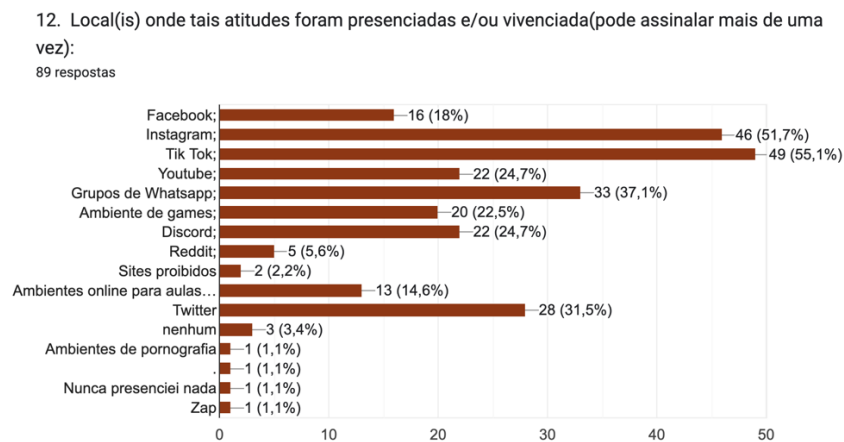
### **3.6.3 Local(is) onde tais atitudes foram presenciadas e/ou vivenciadas para identificar em quais ambientes ocorrem e quais os ambientes mais tóxicos da internet, segundos os adolescentes**

Antes de abordarmos os números, faremos a descrição de alguns ambientes que inserimos na pesquisa:

- Facebook: Rede social que possibilita a conexão de usuários em todo mundo, através de perfis profissionais ou pessoais;
- Twitter: Rede social e um serviço de microblog que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos, por meio do website do serviço, por SMS e por softwares específicos de gerenciamento;
- Instagram: Rede social de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários;
- WhatsApp: Aplicativo de mensagens instantâneas e chamadas de voz. Os usuários podem enviar mensagens de texto, imagens, vídeos e documentos, além de fazer ligações através da conexão com a internet;
- Discord: Aplicativo para conversas na internet, seja por texto ou voz. Usado atualmente para bate-papo em jogos on-line ou gravações de podcast;
- Reddit: Rede social considerada como uma comunidade de fóruns em que os usuários podem votar no conteúdo;
- TikTok: Trata-se de uma rede social criada com o objetivo de compartilhar vídeos de curta duração.

Quando questionados sobre em quais ambientes as atitudes preconceituosas foram vivenciadas/presenciadas, 55,1% dos adolescentes apontam o TikTok e 51,7% o Instagram. Grupos de WhatsApp se encontram com 37,1%; o Twitter com 31,5%, Discord e Youtube têm 24,7% e os ambientes de games 22,5%. Já o Facebook pontua 18%, enquanto os ambientes online para as aulas marcam 14,6% e, por fim, o Reddit, com 5,6%.

**Figura 16** – Locais em que tais atitudes foram presenciadas e/ou vivenciadas



**Fonte:** Dados da pesquisa

Para descrevermos quais os ambientes tóxicos na internet na percepção dos adolescentes, criamos uma nuvem de palavras e explicitamos quais ambientes são mais recorrentes:

**Figura 17** – Ambientes tóxicos na internet



**Fonte:** Elaborado pela autora

Os dados de nossa investigação explicitam que os ambientes tóxicos percebidos pelos adolescentes são as redes sociais. Foram encontradas respostas como: “Redes sociais pelo fato de ser anônimo”, “Twitter, Instagram e TikTok, pois sempre tem algum comentário ou vídeo que acaba gerando polêmica, como: racismo, machismo, comentários maldosos etc.”, “Twitter, pois lá eles não censuram”, “O Twitter, pois é uma rede social de opiniões”, “As redes sociais, pois as pessoas acham que tem o direito de dizer e falar o que quiserem e que não vão ter nenhuma consequência”.

Os comentários relacionados à impunidade nas redes sociais nos indicam a falta de conhecimento desses adolescentes em relação às leis de proteção dos usuários na internet.

Segundo dados da recente pesquisa TIC Kids On-line Brasil (2021), que entrevistou 2.651 crianças e adolescentes no Brasil, 78% das crianças e adolescentes conectados usam redes sociais (usuários de 9 a 17 anos), 10% a mais do que no ano de 2019.

Dados apresentados a partir da pesquisa TIC Domicílios (2020) explicitam que 64% crianças e adolescentes de 10 a 17 anos afirmaram ter conta no aplicativo Instagram.

A pesquisa também investigou os perfis no TikTok e cerca de 46% desses sujeitos afirmam estar conectados ao aplicativo. Apenas 14% usam o Twitter e, embora o WhatsApp (86%) e o Facebook (61%) sejam as plataformas em que existam mais usuários, o Instagram e TikTok são as redes sociais mais usadas.

Concordamos com Bozza (2022) quando afirma que as redes sociais e os ambientes digitais podem potencializar as formas de violência on-line, visto que há um distanciamento físico e “emocional”, e, segundo a autor “reduz os níveis de empatia e sensibilidade nos relacionamentos interpessoais on-line”.

### **3.7 Percepção dos riscos on-line e seus medos**

Descrevendo a questão 21, “Qual é seu maior medo em relação à internet?”, usaremos uma nuvem de palavras para explicitar os comentários mais recorrentes:



tipo de bloqueio por parte de seus responsáveis, além de 75% usarem as redes sociais sozinhos. Um dado preocupante explicitado por essa pesquisa, é o de que 42% das crianças e adolescentes já tiveram contato com pessoas que não conheciam na internet e 27% de tais comunicações foram pelas redes sociais. Outro dado alarmante é que 22% declaram já terem encontrado uma pessoa que conheceram na internet sem supervisão de seus pais.

Dados da Nic.br (2020), informam que, em nosso país, as meninas recebem mais orientações e possuem mais supervisões de pais e responsáveis e que os meninos recebem incentivos para aprenderem a usar a internet e mídias digitais de maneira autônoma. Ademais, cerca de 58% das crianças e adolescentes do sexo feminino tem a percepção de que seus responsáveis sabem sobre suas atividades on-line.

Dito isso, Bozza (2022) nos informa que “a supervisão parental é dificultada pela mobilidade dos dispositivos digitais”. Para além disso, a autora reitera que muitos pais e responsáveis trabalham e, na maioria das vezes, não possuem tempo para supervisionar as atividades on-line das crianças e adolescentes. Outro ponto importante que a autora nos traz é que muitos dos pais e responsáveis não possuem conhecimento nos ambientes e mídias digitais. Faz-se necessário, então, a qualificação do uso da internet por essas crianças e adolescentes e a educação midiática para seus pais.

O preconceito apareceu em 9 respostas e os medos dos adolescentes, assim descrito por eles, estão entre sofrer com preconceitos em geral, especialmente, a homofobia e preconceitos sobre seus corpos. Chama-nos a atenção o medo do preconceito em relação aos seus tipos físicos, já que os ambientes virtuais, e principalmente as redes sociais, podem ser locais de comparação e um gatilho para os adolescentes. Pesquisas atuais (BERENGUER; FERNÁNDEZ, 2019; RAJANALA; MAYMONE; VASHI, 2018) evidenciam a influência das mídias e dos ambientes digitais na autoimagem de adolescentes e jovens que, segundo os autores, geram preocupações excessivas no que se refere à aparência. Autores como Livingstone e Stoilova (2021) e Livingstone (2008) também nos alertam para as influências sociais e digitais nas experiências dos jovens na internet. Explicitam que, embora as mídias não possuam o poder de determinar a autoimagem e a representação dos adolescentes, elas possuem a influência de moldá-las.

Ser hackeado aparece em 9 respostas e pode estar relacionado ao medo da exposição, já que os “hackers” geralmente podem usar e expor os dados das vítimas.

Ser “cancelado(a)” também é um medo dos estudantes e aparece em 5 respostas. Em seguida medos como “hate” – popularmente conhecido como o ódio na internet (4), ser “stalkeado” (3), sofrer cyberbullying, assédio e ser alvos de pedofilia (2).

Embora os dados que se referem ao medo da pedofilia sejam baixos, eles nos são relevantes. Dados atuais da Safernet Brasil (2021) nos informam que, entre os meses de janeiro e abril de 2021, 15.856 páginas com conteúdo de pornografia infantil foram denunciadas à Safernet Brasil. O site nos informa que houve um aumento significativo (33,45%) em relação ao mesmo período do ano de 2020. Em um texto no site, o presidente da Safernet, Thiago Tavares explicita que, durante a pandemia, crianças e adolescentes ficaram muito tempo expostas na internet e foram mais propensas às situações de risco.

Uma pesquisa atual (DE CARVALHO CAVALCANTE, 2020) nos explicita que a internet pode facilitar o aumento de casos de pedofilia, já que nos sites é mais fácil e rápido obter informações e se aproximarem de crianças e adolescentes. Tais atos (abuso e exploração), seja na internet ou fora dela, são violações graves dos direitos das crianças e adolescentes. A autora expressa que “crianças e adolescentes que são abusadas tem seu direito a dignidade humana desrespeitados, esse tipo de violação deixa marcas para o resto da sua vida”.

Ser “stalkeado” também é um medo encontrado nos adolescentes de nossa pesquisa. A literatura classifica o *cyberstalking* como um fenômeno que pode causar diversos danos psicológicos em suas vidas e que são, na maioria das vezes, as mulheres que sofrem mais com esse tipo de perseguição (STEVENS *et al.*, 2020).

Em um estudo atual realizado com 309 participantes, verificou-se uma relação entre o *cyberstalking* e formas de assédio à ansiedade, à depressão, aos comportamentos autolesivos e à ideação suicida, trazendo, dessa forma, inúmeras consequências para as vítimas (MARCHANTE, 2021).

No que diz respeito aos estudantes de nossa pesquisa que afirmaram ter medo de sofrerem cyberbullying, autores como Wendt e Lisboa (2013) afirmam que vítimas desse fenômeno estão mais propensas ao sofrimento emocional e à ideais suicidas se comparadas aos alunos e alunas que não sofrem este tipo de intimidação. Ademais, os autores correlacionam o tempo que os adolescentes passam conectados à internet e o cyberbullying.

Dentre os comentários sobre os medos, um deles nos chamou atenção. Um(a) estudante escreveu sobre a internet “romantizar o suicídio”. Mesmo que tenha aparecido em apenas um comentário, é importante tratarmos do tema. Uma pesquisa realizada por Barbosa *et al.* (2018) com 541 estudantes aponta que 89,1% dos respondentes creem que a internet e os ambientes digitais influenciam no suicídio e que os padrões pré-estabelecidos nas redes sociais também podem influenciar. Além disso, os adolescentes possuem mais informações a conteúdos sobre como cometer o suicídio.



Isto posto, pesquisas atuais (LIVINGSTONE; STOILOVA, 2021) nos direcionam a pensar de forma crítica em relação ao uso da internet e ambientes digitais pelas crianças e adolescentes, visto que nos ambientes on-line há oportunidades, mas também muitos riscos.

Dessa forma, é necessário que os serviços digitais que possuem crianças e adolescentes como público sejam baseados em critérios rigorosos de privacidade e segurança e que seus termos sejam claros e bem visíveis. Pais, responsáveis e educadores precisam garantir os direitos das crianças e adolescentes e estar conscientes de suas responsabilidades no que se refere à privacidade desses sujeitos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência desta investigação explicita a necessidade de conhecer e entender como os adolescentes percebem suas relações consigo e com as pessoas em ambientes digitais, além de compreender sobre os temas de interesse dos adolescentes, o que temem e quais os locais que consideram tóxicos, para que possamos ter um diagnóstico de tais situações e pensar em possíveis intervenções.

Os dados revelam que para o grupo pesquisado os jogos estão entre os temas de maior interesse, seguido de temas humorísticos e da música, além disso, as redes sociais são consideradas os ambientes mais tóxicos no mundo virtual. A toxidade está relacionada às situações de violência e hostilidade nestes espaços. O Tik Tok e o Instagram são redes que possuem milhões de usuários e que são populares atualmente, principalmente pelos adolescentes e jovens, e as duas redes apareceram como ambientes de destaque em que a maioria dos preconceitos foram vivenciados ou presenciados. Segundo os respondentes, tais espaços virtuais, assim como Twitter, que também aparece nas respostas, são locais em que as pessoas “acham que tem o direito de dizer e falar o que quiserem e que não vão ter nenhuma consequência”. Há uma percepção de impunidade por parte dos adolescentes, que, muitas vezes, desconhecem as leis e os canais de denúncia.

Chama a atenção, também, as respostas em que os adolescentes descrevem preconceitos sofridos ou visualizados na internet, assim como a homofobia, a gordofobia, a misoginia, a intolerância religiosa, a transfobia, a xenofobia, o racismo e a aporofobia. Essas manifestações de violência são cada vez mais comuns e podem impactar diretamente qualquer pessoa. Contudo é preocupante especialmente na fase da adolescência por ser um período de maior vulnerabilidade em que o indivíduo está construindo a imagem de si, além do que está em processo de maturação biológica e psíquica com sistemas regulatórios encontram-se em desenvolvimento. Os ambientes virtuais abordados neste estudo (redes sociais, aplicativos de interação, jogos etc.) possuem conteúdos que podem ser danosos às crianças e aos adolescentes, sobretudo em função das tendências ao uso excessivo e da pouca criticidade. Esses usos podem ter reflexos na saúde mental, em especial para aqueles com maior vulnerabilidade psicossocial.

No que se refere aos medos, naturais nas fases de desenvolvimento, foram encontrados dados importantes em relação aos riscos que esses adolescentes podem estar correndo quando usam as redes sociais, incluindo quando apontam que já sofreram ou que ainda sofrem com preconceitos e discriminações. Além disso, podem estar expostos ao *sexting*, *cyberstalking*, exposição, preconceitos, *cyberbullying* etc. As respostas sobre o medo da exposição e até

mesmo de suas interações serem “descobertas” por suas famílias servem como ponto de atenção para que os adultos responsáveis estejam cada vez mais atentos aos riscos que os adolescentes podem correr e que as famílias desconhecem. Estabelecer uma comunicação construtiva e assertiva com os esses adolescentes pode gerar confiança e fazer com que as famílias e os educadores possam ter ciência dos acontecimentos e, dessa forma, fazer as intervenções corretas e necessárias. Por fim, destaca-se que os adolescentes, por vezes, também encontram espaços de expressão e suporte na internet e devem ser orientados no sentido de identificar ambientes seguros onde encontrem informações sobre temas de saúde mental.

Tendo em vista a complexidade dos fenômenos apresentados por esta pesquisa, o presente estudo considera que novas pesquisas nesta área devem ser empreendidas, posta a necessidade de preparar os adolescentes para avaliarem criticamente os riscos da internet. A exposição às telas, as redes sociais e a internet possuem situações complexas que envolvem a garantia de direitos das crianças e dos adolescentes e isso deve ser uma pauta de ímpar urgência na formulação de políticas públicas, bem como na formação de pais e educadores para as mídias digitais. O papel dos pais e responsáveis, por fim, é de extrema importância para lidar com os riscos que os adolescentes correm em ambientes virtuais, visto que devem se capacitar para intervir e mediar as atividades digitais desses sujeitos.

## REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- ABRAMO, H. W. *et al.* **Retratos da juventude brasileira: Análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.
- ABRAMOVAY, M. *et al.* **Diagnóstico participativo das violências nas escolas: Falam os jovens**. Rio de Janeiro: FLACSO–Brasil; OEI; MEC, 2016.
- ABRAMOVITCH, F. (org.). **Ritos de passagem de nossa infância e adolescência: Antologia**. São Paulo: Summus Editorial, 1985.
- AVILÉS, M. J. M. **Bullying: Guia para educadores**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013.
- BARBOSA, J. S. *et al.* Séries e internet: Até que ponto elas interferem na ideação suicida. *In*: LEAL, I. *et al.* (org.). **Actas do 12º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde**. Lisboa: ISPA, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/6113/3/12CongNacSaude.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2021.
- BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 1999.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2004.
- BEAUCHERE, J. Novo estudo da Microsoft aponta reversão nas tendências positivas de civildade on-line após um ano de pandemia. **Microsoft News Center Brasil**, 2021. Disponível em: <https://news.microsoft.com/pt-br/novo-estudo-da-microsoft-aponta-reversao-nas-tendencias-positivas-de-civilidade-on-line-apos-um-ano-de-pandemia/>
- BECKER, D. **O que é adolescência**. São Paulo: Brasiliense, 2017.
- BLOS, P. **Adolescência: Uma interpretação psicanalítica**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- BOLSONI, A. T. S.; PAIVA, M. M.; BARBOSA, C. G. Problemas de comportamento de crianças/adolescentes e dificuldades de pais/cuidadores: Um estudo de caracterização. **Psicologia clínica**, v. 21, n. 1, p. 169-184, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/4QVF39sMBwF6DrfhJT9zTsR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 jan. 2021.
- BOZZA, T. C. L. **O uso da tecnologia nos tempos atuais: Análise de programas de intervenção escolar na prevenção e redução da agressão virtual**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, Campinas, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalle/971385>. Acesso em: 18 jul. 2020.

BRAGA, N. B. C. **A semiótica psicanalítica dos celibatários involuntários**. 2021. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/23933/1/Nathalia%20Brunet%20Cartaxo%20Braga.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2022.

BRASIL. **Lei n. 8.069, de 13 julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1990. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm). Acesso em: 13 mar. 2021.

BRASIL. **Caderneta de saúde de adolescentes e jovens**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2007a.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Síntese de Indicadores Sociais**. Uma Análise das Condições de Vida da População Brasileira. Brasília, DF: IBGE, 2007b.

BRASIL. **Lei n. 11.829, de 25 de novembro de 2008**. Altera a Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente, para aprimorar o combate à produção, venda e distribuição de pornografia infantil, bem como criminalizar a aquisição e a posse de tal material e outras condutas relacionadas à pedofilia na internet. Brasília, DF: Presidente da República, 2008. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11829.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11829.htm). Acesso em: 12 abr. 2021.

BRASIL. **Lei n. 12.737, de 30 de novembro de 2012**. Dispõe sobre a tipificação criminal de delitos informáticos; altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal; e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2012. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12737.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12737.htm). Acesso em: 08 mar. 2021.

BRASIL. **Lei n. 13.709, de 14 de agosto de 2018**. Dispõe sobre o tratamento de dados pessoais, inclusive nos meios digitais, por pessoa natural ou por pessoa jurídica de direito público ou privado, com o objetivo de proteger os direitos fundamentais de liberdade e de privacidade e o livre desenvolvimento da personalidade da pessoa natural. Brasília, DF: Presidência da República, 2018. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2018/Lei/L13709.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13709.htm). Acesso em: 19 abr. 2021.

BREITENBACH, L. R.; DABULL, M. S. Cyberbullying: Uma agressão que vai além do mundo virtual. **Revista da Mostra de Iniciação Científica e Extensão**, v. 4, n. 1, 2018. Disponível em: <https://www.ulbracds.com.br/index.php/rmic/article/view/1994>. Acesso em: 22 jan. 2020.

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CAMARGO, G. C. **Vingança Pornográfica: Contextualização do crime**. 2021.

CAMPBELL, C. Eu compro, logo sei que existo: As bases metafísicas do consumo moderno. In: BARBOSA, L.; CAMPBELL, C. (org.). **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: Estratégias para entrar y salir de la modernidad.** Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1995.

CARTA de atirador de escola de Realengo diz que impuros não poderão tocar seu corpo sem luvas. **OGLOBO**, 2011. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/carta-de-atirador-de-escola-de-realengo-diz-que-impuros-nao-poderao-tocar-seu-corpo-sem-luvas-2799783>. Acesso em: 12 out. 2022.

CARVALHO, A. S. **Cyberbullying e Comportamentos de Risco numa Amostra de Adolescentes Portugueses.** 2019. Dissertação (Mestrado em Medicina) – Faculdade de Medicina, Universidade de Coimbra, 2019. Disponível em: <https://eg.uc.pt/bitstream/10316/89723/1/Tese%20Mestrado%20André%20Carvalho.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2020.

CASSIDY, W. *et al.* Sticks and stones can break my bones, but how can pixels hurt me? Students' experiences with cyber-bullying. **School Psychology International**, v. 30, n. 4, p. 383-402, jul. 2009. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0143034309106948>. Acesso em: 28 maio 2020.

CATALÁN, M. A. S. *et al.* Ideación suicida en adolescentes víctimas de cyberbullying del instituto empresarial Gabriela Mistral de Floridablanca (Santander). **Revista Virtual Universidad Católica del Norte**, n. 51, p. 80-97, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://revistavirtual.ucn.edu.co/index.php/RevistaUCN/article/view/844>. Acesso em: 12 maio 2020.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids On-line Brasil 2018.** São Paulo: CGI.BR, 2019.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids On-line Brasil 2019.** São Paulo: CGI.BR, 2020.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC Domicílios 2019.** São Paulo: CGI.BR, 2020.

COSTA, A. P. M. Adolescência brasileira e o contexto de vulnerabilidade à violência. **Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade**, n. 6, p. 123-161, 2012. Disponível em: <https://revista.pgskroton.com/adolescencia/article/view/191>. Acesso em: 15 maio 2020.

DAMON, W. **The path to purpose.** New York: Free Press, 2008.

DE PAULO, R. B. *et al.* Racismo e preconceito nas redes sociais digitais: Pesquisa com estudantes do ensino médio. **Encontros Bibli: Revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, v. 27, p. 01-21, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/84256/49559>. Acesso em: 12 mar. 2022.

DE VRIES, A. The use of social media for shaming strangers: Young people's views. *In*: HAWAII INTERNATIONAL CONFERENCE ON SYSTEM SCIENCES, 48., 2015, HAWAII. **Annals [...]. IEEE**, 2015.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DE LA TAILLE, Y. Moral e ética no mundo contemporâneo. **Revista USP**, n. 110, p. 29-42, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/125319>. Acesso em: 10 jan. 2021.

DEMPSEY, A. G. *et al.* Has Cyber Technology Produced a New Group of Peer Aggressors? **Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking**, v. 14, n. 5, maio 2011. Disponível em: <https://www.liebertpub.com/doi/abs/10.1089/cyber.2010.0108>. Acesso em: 21 fev. 2020.

DEL PRIORE, M. **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=k8NnAwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 25 nov. 2021.

DEMPSEY, A. G. *et al.* Has Cyber Technology Produced a New Group of Peer Aggressors? **Cyberpsychology behavior, and social networking**, v. 14, n. 5, p. 297-302, maio 2011. Disponível em: <https://www.liebertpub.com/doi/abs/10.1089/cyber.2010.0108>. Acesso em: 17 jul. 2020.

DOLTO, F. **A causa dos adolescentes**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

ERIKSON, E. H. **Identidad, juventud y crisis**. Madrid: Taurus, 1980.

FACEBOOK. **Termos de uso e impressão**. 2022. Disponível em: [https://www.facebook.com/help/instagram/581066165581870/?helpref=uf\\_share](https://www.facebook.com/help/instagram/581066165581870/?helpref=uf_share). Acesso em: 23 jan. 2023.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *In*: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Tradução: J. SALOMÃO. Rio de Janeiro: Imago, 2016.

GEORGE, M. J.; ODGERS, C. L. Seven fears and the science of how mobile technologies may be influencing adolescents in the digital age. **Perspectives on psychological science**, v. 10, n. 6, p. 832-851, nov. 2015. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1745691615596788>. Acesso em: 10 mar. 2020.

GOLBERSTEIN, E. *et al.* Coronavirus disease 2019 (COVID-19) and mental health for children and adolescents. **JAMA pediatrics**, v. 174, n. 9, p. 819-820, 2020. Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jamapediatrics/fullarticle/2764730%C2%A0%C2%A0>. Acesso em: 09 abr. 2020.

GUSSO, H. L. *et al.* Ensino superior em tempos de pandemia: Diretrizes à gestão universitária. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 41, e238957, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/8yWPh7tSfp4rwtcs4YTxTfr/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 03 fev. 2021.

GUTIERRA, B. C. C. **Adolescência, psicanálise e educação: O mestre “possível” de adolescentes.** São Paulo: Avercamp, 2003.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: DP & A, 2000.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Atlas da violência 2019.** Brasília, DF: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019.

ITAOUI, B. F.; MAINARDES, S. L. A.; GOMES, D. P. A pobreza e o aumento do desemprego durante a pandemia: Impactos da crise pós covid-19. **Serviço Social em Debate**, v. 4, n. 1, 2021. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/serv-soc-debate/article/view/5703>. Acesso em: 11 fev. 2022.

LABOISSIÈRE, P. A cada 60 minutos, uma criança ou adolescente morre por arma de fogo. **Agência Brasil**, 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2019-03/cada-60-minutos-uma-crianca-ou-adolescente-morre-por-arma-de-fogo>. Acesso em: 25 nov. 2021.

LETA, T. Leia a íntegra da carta do atirador que invadiu escola no RJ. **Site do G1**, 2011. Disponível em: <https://g1.globo.com/Tragedia-em-Realengo/noticia/2011/04/leia-trecho-da-carta-do-atirador-que-invadiu-escola-no-rj.html>. Acesso em: 12 fev. 2021.

LEVY, E. S. *et al.* Violência e terror nas redes sociais: Considerações sobre cultura, desamparo e narcisismo. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, n. 48, p. 43-51, jul./dez. 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372017000200005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372017000200005). Acesso em: 03 jun. 2020.

LEVY, E. S.; LOUISE F. M. Internet e psicanálise: Considerações sobre seus efeitos na forma de subjetivação da criança. **Estudos de Psicanálise**, v. 52, p. 59-67, jul./dez. 2019. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372019000200007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372019000200007). Acesso em: 07 mar. 2020.

LEVY, E. S.; MONTEIRO, L. F. Internet e psicanálise: Considerações sobre seus efeitos na forma de subjetivação da criança. **Estudos de Psicanálise**, n. 52, p. 59-67, 2019. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372019000200007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372019000200007). Acesso em: 18 jan. 2020.

LÈVY, P. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

LINS, B. A. “Ih, vazou!”: Pensando gênero, sexualidade, violência e internet nos debates sobre pornografia de vingança. **Cadernos de Campo**, v. 25, n. 25, p. 246-266, nov. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/114851>. Acesso em: 28 fev. 2020.

LÍRIO, L. C. A construção histórica da adolescência. **Protestantismo em Revista**, v. 28, p. 72-79, 2012. Disponível em: <http://www.est.com.br/periodicos/index.php/nepp/article/view/250>. Acesso em: 15 ago. 2020.

LIVINGSTONE, S. Taking risky opportunities in youthful content creation: Teenagers’ use of social networking sites for intimacy, privacy and self-expression. **New media & society**, v.



10, n. 3, p. 393-411, 2008. Disponível em:  
<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1461444808089415>. Acesso em: 19 mar. 2020.

MACHADO, M. M.; KUHN, C. M. A inserção de crianças e jovens no tráfico de drogas: Reflexões a partir da psicologia social e a importância da mídia comunitária como instrumento de garantias [Internet]. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIREITO E CONTEMPORANEIDADE*, 3., 2015, Santa Maria. **Anais [...]**. Santa Maria: Mídias e Direitos da Soc em Rede, 2015.

MADIGAN, S. *et al.* Prevalence of multiple forms of sexting behavior among youth: A systematic review and meta-analysis. **JAMA Pediatrics**, v. 172, n. 4, p. 327-335, abr. 2018. Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jamapediatrics/article-abstract/2673719>. Acesso em: 26 mar. 2020.

MANNONI, O. **La crisis de la adolescência**. Barcelona: Gedisa, 1986.

MARQUES, F. Covid-19 e saúde mental: Cartilha aborda prevenção do suicídio. **Portal Fiocruz**, 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/covid-19-e-saude-mental-cartilha-aborda-prevencao-do-suicidio>. Acesso em: 25 nov. 2021.

MASON, K. L. Cyberbullying (intimidação psicológica com a ajuda da tecnologia): Avaliação preliminar no ambiente escolar. **Psychology in the Schools**, v. 45, n. 4, 2008.

MEDRANO, K. L. *et al.* Ideación suicida en una muestra de jóvenes víctimas de cyberbullying. **Psicoespacios: Revista Virtual de la Institución Universitaria de Envigado**, v. 12, n. 20, p. 19-34, 2018. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6246916>. Acesso em: 18 ago. 2020.

MERCURI, K. T. Conflitos sociais contemporâneos: Possíveis causas e consequências dos linchamentos virtuais. **Humanidades & Inovação**, v. 5, n. 4, p. 197-208, jun. 2018. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/653>. Acesso em: 27 jan. 2020.

MARCHANTE, C. S. C. **Entre o on-line e o offline: A relação entre o cyberstalking e a ansiedade, a depressão, o stress e os comportamentos autolesivos e a ideação suicida**. 2021. Tese (Mestrado em Psicologia Clínica) – Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/8302>. Acesso em: 20 jan. 2022

MICROSOFT. Novo estudo da Microsoft aponta reversão nas tendências positivas de civilidade on-line após um ano de pandemia. **Microsoft News Center Brasil**, 2020. Disponível em: <https://news.microsoft.com/pt-br/no-dia-da-internet-segura-a-microsoft-revela-que-o-indice-de-cidadania-digital-mundial-atingiu-seu-nivel-mais-baixo-em-4-anos/>. Acesso em: 12 ago. 2021.

MISHNA, F.; SAINI M.; SOLOMON S. Ongoing and on-line: Children and youth's perceptions of cyber bullying. **Children and Youth Services Review**, v. 31, n. 12, p. 1222-1228, 2009. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0190740909001200>. Acesso em: 16 jun. 2021.

NASCIMENTO, E. M. V.; GONZALES, R. C. **De que se queixa o adolescente hoje: Clínica psicanalítica e contemporaneidade**. Salvador: Editora EDUFBA, 2015.

NERI, M. Jovens: Projeções Populacionais, Percepções e Políticas Públicas. **Atlas das Juventudes**, 2021. Disponível em: <https://atlasdasjuventudes.com.br/jovens-populacao-e-percepcoes/>. Acesso em: 25 nov. 2021.

NETO, A. Depoimento concedido durante o evento do Dia da Internet Segura. **On-line**, 2020.

NETO, M. P. Suzano: A educação na mira dos massacres lumpenradicais. **Dialogia**, n. 33, p. 178-191, set./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/13790/7840>. Acesso em: 17 jan. 2022.

NEVES, E. C. N. Transtorno Dismórfico Corporal: A influência das redes sociais em jovens. **Anais do Fórum de Iniciação Científica do UNIFUNEC**, v. 10, n. 10, 2020. Disponível em: <https://seer.unifunec.edu.br/index.php/forum/article/view/4517>. Acesso em: 23 jun. 2021.

NIC.br. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. **Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil – TIC Kids On-line Brasil 2019**. São Paulo: NIC.br, 2020. Disponível em: <https://cetic.br/pt/tics/kidson-line/2019/criancas/E1/>. Acesso em: 12 jun. 2021.

NOAL, D. S. *et al.* Ajuda virtual em saúde mental para adolescentes e jovens na pandemia de COVID-19: Considerações práticas a partir de relato de experiência. **CEAPIA**, n. 30, p. 24-38, 1988. Disponível em: [https://ceapia.com.br/wp-content/uploads/2021/11/Revista\\_CEAPIA\\_2021\\_reduzido\\_compressed.pdf#page=25](https://ceapia.com.br/wp-content/uploads/2021/11/Revista_CEAPIA_2021_reduzido_compressed.pdf#page=25). Acesso em: 12 ago. 2022.

OMS. Organização Mundial de Saúde. **Problemas de la salud de la adolescencia**. Informe de un comité de expertos de la O.M.S (Informe técnico n° 308). Genebra: OMS, 1965.

OZELLA, S.; AGUIAR, W. M. J. Desmistificando a concepção de adolescência. **Cadernos de pesquisa**, v. 38, n. 133, p. 97-125, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/vNqg6DJKX7zBLbvf57dwpJR/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 maio 2020.

PALACIOS, J.; OLIVA, A. A adolescência e seu significado evolutivo. *In*: COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. **Desenvolvimento psicológico e educação**. Porto Alegre: Artmed, 2017.

PAPALIA, E. D.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 10. ed. Porto Alegre: Artmed Editora S. A., 2006.

PLAN. **Bullying Escolar no Brasil: Relatório Final**. São Paulo, 2010.

PRIOSTE, C. D. **O adolescente e a internet: Laços e embaraços no mundo virtual**. 1. ed. São Paulo: Edusp, 2016.

PRIOSTE, C. D.; AMARAL, M. As fantasias virtuais das meninas e as vulnerabilidades na adolescência. **Revista ibero-americana de estudos em educação**, Araraquara, v. 10, n. esp. 2, p. 1673-1686, 2015. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/8343>. Acesso em: 26 abr. 2020.

RAJANALA, S.; MAYMONE, M. B. C.; VASHI, N. A. Selfies – living in the era of filtered photographs. **JAMA Facial Plastic Surgery**, v. 20, n. 6, nov. 2018. Disponível em: <https://www.liebertpub.com/doi/abs/10.1001/jamafacial.2018.0486?journalCode=jamafacial>. Acesso em: 16 ago. 2020.

RINGROSE, J. *et al.* **Postfeminist education? Girls and the sexual politics of schooling**. Londres: Routledge, 2012.

TOKUNAGA, R. S. Following you home from school: a critical review and synthesis of research on cyberbullying victimization. **Computers in Human Behavior**, v. 26, n. 3, p. 277-287, maio 2010. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S074756320900185X>. Acesso em: 09 jul. 2020.

SAFERNET BRASIL. Discurso de ódio. **Safernet**, 2019. Disponível em: <http://saferlab.org.br/o-que-e-discurso-de-odio/index.html>. Acesso em: 25 jan. 2020.

SAFERNET BRASIL. Crimes na Web. **Safernet**, 2021. Disponível em: <https://new.safernet.org.br/content/crimes-na-web#mobile>. Acesso em: 21 out. 2020.

SANTO, R. S. Q.; FERNÁNDEZ, A. L. Ciberacoso y su relación con la intencionalidad suicida en adolescentes de 12 a 17 años. **Revista de Producción, Ciencias e Investigación**, v. 5, n. 38, p. 103-112, 2021. Disponível em: [https://redib.org/Record/oai\\_articulo3195621-ciberacoso-y-su-relaci%C3%B3n-con-la-intencionalidad-suicida-en-adolescentes-de-12-a-17-a%C3%B1os](https://redib.org/Record/oai_articulo3195621-ciberacoso-y-su-relaci%C3%B3n-con-la-intencionalidad-suicida-en-adolescentes-de-12-a-17-a%C3%B1os). Acesso em: 11 maio 2020.

SIBILIA, P. **Redes ou paredes: A escola em tempos de dispersão**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SIEDLESKI, T. A. **Identificação e análise de linchamento virtual em redes sociais digitais: Um estudo sobre Karol Conká no Twitter**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Gestão da Informação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021. Disponível em: <https://www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/71808/TOMAS-AUGUSTO-SIEDLESKI.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 16 fev. 2020.

SILVA, J. S. *et al.* **Caminhada de crianças, adolescentes e jovens na rede do tráfico de drogas no varejo do Rio de Janeiro, 2004-2006**. Rio de Janeiro: Observatório das Favelas, 2006.

SILVA, R. L. *et al.* Discurso do ódio em redes sociais: Jurisprudência brasileira. **Rev. direito GV**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 445-467, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdgv/a/QTnjBBhqY3r9m3Q4SqRnRwM/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 18 set. 2020.

SILVA, T. R. **Visão Computacional e Vieses Racializados: Branquitude como padrão no aprendizado de máquina.** *In: COPENE NORDESTE*, 2., 2019, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: UFPB, 2019. Disponível em: [https://www.copenenordeste2019.abpn.org.br/resources/anais/13/copenenordeste2019/1562639906\\_ARQUIVO\\_e9a44399eb59657e3a09d60cac35b5a8.pdf](https://www.copenenordeste2019.abpn.org.br/resources/anais/13/copenenordeste2019/1562639906_ARQUIVO_e9a44399eb59657e3a09d60cac35b5a8.pdf). Acesso em: 16 ago. 2021.

SMAHEL, D. *et al.* **EU Kids On-line 2020: Survey results from 19 countries.** London: Ville d'édition, 2020. Disponível em: <https://orfee.hepl.ch/handle/20.500.12162/5299>. Acesso em: 17 abr. 2021.

SMITH, P. K. Cyberbullying: Challenges and opportunities for a research program - A response to Olweus. **Eur. J. Dev. Psychol**, v. 6, n. 5, p. 553–558, abr./jun. 2012. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17405629.2012.689821>. Acesso em: 19 ago. 2020.

TARDELI, D. A. Esses adolescentes de hoje... vivem em “tribos”? – O papel das tribos urbanas na formação moral. *In: TOGNETTA, L. R. P.; VICENTIN, V. F. Esses adolescentes de hoje... O desafio de educar moralmente para que a convivência na escola seja um valor.* Americana, SP: Adonis, 2014.

TAVARES, C. M. V. L. **Direitos Humanos e o Estado de Direito: a liberdade de expressão das “fake news”.** 2021. Tese de Doutorado.

UNICEF. **72% dos adolescentes sentiram necessidade de pedir ajuda durante a pandemia, mostra enquête do UNICEF.** Brasília, DF: UNICEF, 2020a. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/72-dos-adolescentes-sentiram-necessidade-de-pedir-ajuda-durante-pandemia>. Acesso em: 28 fev. 2021.

UNICEF. **UNICEF alerta: Garantir acesso livre à internet para famílias e crianças vulneráveis é essencial na resposta à Covid-19.** Brasília, DF: UNICEF, 2020b. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/unicef-alerta-essencial-garantir-acesso-livre-a-internet-para-familias-e-criancas-vulneraveis>. Acesso em: 28 fev. 2021.

UNICEF. **Adolescentes e o risco de vazamento de imagens íntimas na internet.** Brasília, DF: UNICEF, 2019. Disponível em: [https://www.unicef.org/brazil/sites/unicef.org.brazil/files/2019-02/br\\_caretas\\_pesquisa.pdf](https://www.unicef.org/brazil/sites/unicef.org.brazil/files/2019-02/br_caretas_pesquisa.pdf). Acesso em: 14 abr. 2021.

UNICEF. Giga: Connecting every school to the internet. **ITU**, 2021. Disponível em: <https://www.itu.int/en/ITU-D/Initiatives/GIGA/Pages/default.aspx>. Acesso em: 13 abr. 2021.

VANDEBOSCH, H.; CLEEMPUT, K. Defining Cyberbullying: A Qualitative Research into the Perceptions of Youngsters. **Cyberpsychology & Behavior**, v. 11, n. 4, ago. 2008. Disponível em: <https://www.liebertpub.com/doi/abs/10.1089/cpb.2007.0042>. Acesso em: 19 set. 2020.

VERONESE *et al.* **A figura da criança e do adolescente no contexto social: De vítimas a autores de ato infracional. Infância e adolescência, o conflito com a lei: algumas discussões.** Florianópolis, SC: Fundação Boiteux, 2001.

VINHA, T. *et al.* Contemporaneidade e a convivência democrática na escola. **Schème, Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas**, v. 11, p. 123-158, 2019. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/scheme/article/view/8904>. Acesso em: 19 mar. 2020.

WENDT, G.; LISBOA, C. Agressão entre pares no espaço virtual: Definições, impactos e desafios do cyberbullying. **Psicologia Clínica**, v. 25, n. 1, p. 73- 87, jun. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/N83JQQXmpnxNkQNwcVvmZgh/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 10 jan. 2020.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

# ADOLESCÊNCIA E CIVILIDADE DIGITAL:

A percepção de estudantes sobre ambientes tóxicos e preconceitos na internet.

**\*Obrigatório**

#### 1. E-mail \*

### TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Olá querido(a) aluno(a),

Você está sendo convidado(a) a responder ao questionário "Adolescência e civilidade digital: A percepções de estudantes sobre ambientes tóxicos e preconceitos na internet", que faz parte da pesquisa: "A dor solitária de adolescentes em escolas paulistas: um estudo sobre a ocorrência de sofrimento emocional entre alunos" aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa através do CAEE: 32487520.3.0000.5400.

Trata-se de uma pesquisa envolvendo alunos e alunas do Ensino Fundamental: Anos Finais.

- Dimensão 1 – Cyberagressão, ou seja, os relacionamentos e comportamentos em ambientes virtuais;
- Dimensão 2 - Sofrimento, contato com preconceitos, discurso de ódio e ambientes tóxicos.

O tempo para responder ao questionário será de cerca de 20 minutos e você tem a liberdade de se recusar a participar ou de continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer problema. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com os(as) pesquisadores(as) ou com sua escola.

Seu pai, mãe ou responsável autorizou que você participasse deste estudo e não terão nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Ao participar você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, espera-se que os resultados obtidos nesta investigação forneçam pistas para que novas propostas de ajuda sejam formuladas, não somente pelas escolas envolvidas nesta investigação, mas também pelas instituições que representam o Estado e têm a responsabilidade de proteger e ajudar alunos e alunas para uma convivência saudável nas escolas brasileiras.

As informações obtidas por meio da pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação, sendo assim, suas respostas serão anônimas, sendo impossível identificar você a menos queira que a gente saiba quem é você e escreva o seu nome no formulário .

Você receberá uma via deste termo onde consta o telefone e o endereço da pesquisadora principal e você ou sua família poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Pesquisadoras responsáveis: Cláudia Dias Prioste e Ana Luzia Ap. Matos

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Departamento de Psicologia da Educação. Rodovia Araraquara-Jaú km 01, Bairro dos Machados, 14800901 - Araraquara, SP – Brasil.

## APÊNDICE B – Instrumento de pesquisa

03/12/2021 17:24

ADOLESCÊNCIA E CIVILIDADE DIGITAL:

2. \*

*Marcar apenas uma oval.*

Fui informado(a) do objetivo da minha participação respondendo ao questionário "Adolescência e civilidade digital: A percepções de estudantes sobre ambientes tóxicos e preconceitos na internet." A Tive a oportunidade de maneira clara e detalhada de esclarecer minhas dúvidas e sei que, a qualquer momento, poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Tendo o termo de consentimento do(a) meu(minha) responsável já sido assinado, declaro que concordo em participar deste estudo e que recebi uma via deste Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.

Questionário

Olá pessoal,

Hoje vocês responderão a um questionário que nos trará informações bastante importantes para cuidarmos da nossa convivência nestes tempos de pandemia. Pedimos que sejam bastante verdadeiros ao pensar sobre cada item do questionário!

Fiquem tranquilos e tranquilas, pois, não é preciso se identificar, certo?!

3. Nome de sua escola

---

4. Sua escola é: \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Municipal e pública
- Estadual e pública
- Privada e com orientação religiosa
- Privada sem orientação religiosa
- Escola Pública de Educação de Jovens e Adultos
- Outro: \_\_\_\_\_

03/12/2021 17:24

ADOLESCÊNCIA E CIVILIDADE DIGITAL:

5. Você possui algum tipo de bolsa de estudo? (responda apenas se você estudar em escola privada) \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Não
- Sim, bolsa parcial
- Sim, bolsa integral ou faço parte de algum projeto social da escola

6. Cidade onde fica sua escola \*

---

7. Série/Ano \*

*Marcar apenas uma oval.*

- 6º ano ou 7o ano
- 8o ou 9o ano
- 1o ou 2o ano do Ensino Médio
- 3o ano do Ensino Médio
- Ciclo básico de Educação de Jovens e Adultos
- Ciclo secundário de Educação de Jovens e Adultos

8. Sua idade \*

*Marcar apenas uma oval.*

- 11 ou 12
- 13 ou 14
- 15 ou 16
- 17 ou 18
- 19 ou mais



03/12/2021 17:24

ADOLESCÊNCIA E CIVILIDADE DIGITAL:

9. Período em que estuda \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Manhã
- Tarde
- Noite
- Integral

10. 1) Sou \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Mulher
- Homem
- Prefiro não me definir
- Outro: \_\_\_\_\_

11. 2) Como você se considera? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Branco(a)
- Pardo(a)
- Preto(a)
- Amarelo(a) (de origem oriental)
- Indígena
- Não sei

03/12/2021 17:24

ADOLESCÊNCIA E CIVILIDADE DIGITAL:

12. 3) Quem é o PRINCIPAL RESPONSÁVEL por você em sua casa? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Mãe
- Pai
- Avó
- Avô
- Madrasta ou companheira de seu responsável
- Padrasto ou companheiro de seu responsável
- Irmão/irmã ou irmãos/irmãs
- Eu próprio (sou emancipado/a)
- Outros (parentes, vizinhos, tutores institucionais)

13. 4) Qual é a atividade dessa pessoa (responsável)? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Trabalha fora de casa o dia todo
- Trabalha fora de casa meio período
- Trabalha em casa com atividades remuneradas (recebe pagamentos)
- Trabalha somente nas tarefas de casa
- Desempregado(a)
- Aposentado(a)
- Está desempregado(a), mas faz "trabalhos/bicos" eventuais fora de casa
- Outro: \_\_\_\_\_

14. 5) Tem computador/notebook na sua casa? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

03/12/2021 17:24

ADOLESCÊNCIA E CIVILIDADE DIGITAL:

15. 6) Você tem um celular próprio? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim  
 Não

16. 7) Onde você costuma acessar a internet com mais frequência (via Wi-fi ou rede móvel do celular)? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Não tenho acesso frequente à internet  
 Em casa  
 Na escola  
 Casa de amigos  
 Casa de parentes  
 Bares, restaurantes, lanchonetes etc.  
 Tenho 4G no meu celular  
 Outro: \_\_\_\_\_

**Sobre a convivência virtual...**

Marque uma ou mais alternativas quanto às situações de convivência virtual considerando: SE você viu isso acontecendo com outras pessoas; SE alguém fez isso com você; SE você fez isso com alguém. Se você não viu ou não sabe se essas situações aconteceram, marque "isso não aconteceu".

Responda considerando os últimos 3 meses. Você pode marcar mais de uma alternativa para cada situação.

03/12/2021 17:24

ADOLESCÊNCIA E CIVILIDADE DIGITAL:

## 17. 8) Nos últimos três meses... \*

*Marque todas que se aplicam.*

	Conheço colegas que já sofreram com isso...	Fizeram isso comigo ou aconteceu comigo...	Eu fiz isso...	Isso não aconteceu...
8) Enviar mensagens que ofendem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9) Ameaçar alguém por meio de mensagens na internet, nas redes sociais ou situações de jogos online.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10) Criar páginas ou grupos para falar mal de alguém.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11) Excluir uma pessoa sem que ela queira, de uma rede social ou grupo, porque ela incomoda ou porque não se gosta dela.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12) "Cancelar" uma pessoa por ter condutas ou opiniões diferentes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13) Publicar ou enviar comentários pessoais de alguém conhecido para outras pessoas ficarem sabendo (e que a pessoa não gostaria que fosse divulgado).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

03/12/2021 17:24

ADOLESCÊNCIA E CIVILIDADE DIGITAL:

mensagem(a) por  
WhatsApp ou rede  
social porque  
ele(a) quer romper  
a relação.

---

22) Ofender ou  
desrespeitar (não é  
discutir) com  
alguém na internet  
por sua opção  
política, religiosa  
ou ideológica.

---

Nesse tópico, queremos saber sobre o seu contato com preconceitos, discurso de ódio e ambientes tóxicos.

03/12/2021 17:24

ADOLESCÊNCIA E CIVILIDADE DIGITAL:

18. 9. Nos últimos seis meses você presenciou alguma pessoa próxima (de seu círculo familiar, de amizades ou colegas) sofrer algum tipo de preconceito nos ambientes digitais? \*

Marcar apenas uma oval por linha.

	Não presenciei	Sim, uma vez	Sim, mais de uma vez
Racistas (preconceitos em decorrência de raça e etnia);	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Misóginas (preconceitos- desprezo contra mulheres);	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Homofóbicas (preconceitos contra pessoas homossexuais);	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Transfóbicas (preconceito contra pessoas transgênero);	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Gordofóbicas (preconceito contra pessoas gordas);	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Aporofóbicas (preconceito contra pobre);	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Xenofóbicas (preconceitos contra estrangeiros ou pessoas de outras regiões);	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Capacitistas (contra pessoas com algum tipo de deficiência);	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Etarista (contra pessoas mais velhas);	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Intolerância religiosa.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

03/12/2021 17:24

ADOLESCÊNCIA E CIVILIDADE DIGITAL:

19. 10. Diante de situações de preconceito na internet, a reação das pessoas de seu círculo de conhecidos na internet é mais provável que seja: \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Xingar a pessoa que manifestou preconceito
- Comentar algo engraçado
- Se achar engraçado, curtir
- Se achar engraçado, compartilhar com os demais
- Compartilhar como forma de denúncia e indignação
- Denunciar aos administradores
- Ignorar
- Outra

03/12/2021 17:24

ADOLESCÊNCIA E CIVILIDADE DIGITAL:

20. 11. Nos últimos seis meses você sofreu algum tipo de preconceito nos ambientes digitais? \*

Marcar apenas uma oval por linha.

	Não	Sim, uma vez	Sim, mais de uma vez
Racistas (preconceitos em decorrência de raça e etnia);	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Misóginas (preconceitos- desprezo contra mulheres);	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Homofóbicas (preconceitos contra pessoas homossexuais);	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Transfóbicas (preconceito contra pessoas transgênero);	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Gordofóbicas (preconceito contra pessoas gordas);	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Aporofóbicas (preconceito contra pobre);	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Xenofóbicas (preconceitos contra estrangeiros ou pessoas de outras regiões);	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Capacitistas (contra pessoas com algum tipo de deficiência);	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Etarista (contra pessoas mais velhas);	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Intolerância religiosa.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>



03/12/2021 17:24

ADOLESCÊNCIA E CIVILIDADE DIGITAL:

21. 12. Local(is) onde tais atitudes foram presenciadas e/ou vivenciada(pode assinalar mais de uma vez): \*

Marque todas que se aplicam.

- Facebook;
- Instagram;
- Tik Tok;
- Youtube;
- Grupos de Whatsapp;
- Ambiente de games;
- Discord;
- Reddit;
- Sites proibidos
- Ambientes online para aulas (Google Sala de Aula/ TEAMS);
- Twitter

Outro:  \_\_\_\_\_

22. 13. Na sua opinião quais são os ambientes mais tóxicos da internet? Por que? \*

---

---

---

---

---

23. 14. Você segue algum (alguns) influenciadores digitais? Se sim, quem são e quais os temas? \*

---

---

---

---

---

03/12/2021 17:24

ADOLESCÊNCIA E CIVILIDADE DIGITAL:

24. 15. Quais são seus principais temas de interesse na internet?

---

---

---

---

---

25. 16. Você acha os conteúdos que você acessa na internet influenciam na sua maneira de ser, pensar e agir? Como? \*

---

---

---

---

---

26. 17. Você se considera uma influenciador digital? Você influencia outras pessoas na internet? Se sim, como e que tipo de influência. \*

---

---

---

---

---

27. 18. Você está engajado em algum grupo ativista na internet? (Ativismo seria grupos que defendem alguma causa, ex: causas ecológicas, dos animais, feministas, antirracistas, etc) \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não
- Talvez

03/12/2021 17:24

ADOLESCÊNCIA E CIVILIDADE DIGITAL:

28. 19. Se sim, qual é o tipo de ativismo? (Ex: grupo em defesa dos animais, grupo em defesa de causas ambientais, identitárias, etc.) Se for algum coletivo, cite o nome

---

---

---

---

---

29. 20. Na sua opinião, quais são os ambientes da internet que mais influenciam as opiniões e comportamentos dos adolescentes da sua faixa etária? \*

---

---

---

---

---

30. 21. Qual é seu maior medo em relação à internet? \*

---

---

---

---

---

31. 22. Você acha que os adolescentes têm consciência da influência que a internet possui em suas vidas? Explique. \*

---

---

---

---

---

03/12/2021 17:24

ADOLESCÊNCIA E CIVILIDADE DIGITAL:

32. 23. O que a internet te traz de bom? \*

---

---

---

---

---

33. 24. O que a internet traz de ruim para sua vida? \*

---

---

---

---

---

34. 25. Você acredita que a internet pode causar algum tipo de sofrimento nas pessoas? Se sim, que tipo de sofrimento e como? \*

---

---

---

---

---

35. 26. Use esse espaço para deixar algum recadinho que queira, ou para se expressar livremente

---

---

---

---

---